



**MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

GEISE TEIXEIRA DO NASCIMENTO

**TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE TRAVESTI/TRANSEXUAL
EM TRÊS LAGOAS (MS)**

**Três Lagoas (MS)
2015**



**MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

GEISE TEIXEIRA DO NASCIMENTO

**TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE TRAVESTI/TRANSEXUAL
EM TRÊS LAGOAS (MS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, como exigência final para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edima Aranha Silva

**Três Lagoas (MS)
2015**

GEISE TEIXEIRA DO NASCIMENTO

**TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE TRAVESTI/TRANSEXUAL
EM TRÊS LAGOAS (MS)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edima Aranha Silva
Orientadora

Prof. Dr. Francisco José Avelino Junior
Membro da banca

Prof. Dr. Miguel Ângelo Campos Ribeiro
Membro da banca

*Aos meus pais, irmãos, à minha filha Mel e a todos que, com muito carinho e apoio,
não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais, Fatima Romilda Teixeira e Raul Rosa do Nascimento, e aos meus irmãos, Andressa Teixeira do Nascimento e Rodrigo Teixeira dos Santos. Muito obrigada por todos os momentos de cumplicidade, devo grande parte do que sou a vocês.

À minha filha, Mel Teixeira Kalisch, que foi gerada, nasceu, cresceu e completará dois anos juntamente com a dissertação de mestrado. O amor materno foi a grande inspiração para cada palavra escrita aqui.

À professora Dr.^a Edima Aranha Silva que, ao longo desses seis anos, tem disponibilizado parte de seu precioso tempo para me orientar. Agradeço pelos ensinamentos que carregarei por toda a minha vida.

Meus agradecimentos aos professores da UFMS/CPTL, Dr. Francisco José Avelino Jr., Dr. Arnaldo Yoso Sakamoto, Dr. Wallace de Oliveira, Dr. Sedeval Nardoque, Dr.^a Rosemeire Aparecida de Almeida, Dr.^a Luiza Luciana Salvi, por todos os ensinamentos em sala de aula, durante a graduação e o mestrado, assentando os primeiros tijolos da minha estrutura acadêmica.

Aos companheiros de LETUR (Laboratório de Estudos Urbanos e do Território) e PET (Programa de Educação Tutorial), essenciais na minha carreira científica: Cristóvão Henrique Ribeiro da Silva, companheiro de LETUR desde 2010, a quem agradeço por toda ajuda, pelas ideias e opiniões, especialmente pelos mapas apresentados nessa dissertação; Marcos Henrique Prudêncio da Silva (“ele é chato, mas é meu amigo”), que me acompanhou desde a graduação até o mestrado; Adriano Roberto Franquelino, com quem escrevi o primeiro trabalho sobre prostituição e travestis: gostaria de dizer que não sei se teria aceitado esse desafio sem o seu auxílio nos primeiros passos (agradeço, também, à sua mamãe pelos deliciosos bolos e pães que, atenciosamente, nos serviu durante esses anos de convivência, especialmente nas madrugadas que passávamos escrevendo); Juliana, amiga de graduação e poliglota, pois domina as línguas espanhola, espanhola e espanhola; Camila Aparecida de Souza, amiga que tive a honra de conhecer no PET, obrigada pelas longas conversas; e Ana Flávia, que foi uma das primeiras pessoas a vir à minha casa para conhecer minha filha .

À Cristina Ferreira, assistente social no Programa Municipal DST/AIDS de Três Lagoas, graças a quem consegui estabelecer contato com as travestis e transexuais. Obrigada pelos convites para participar de vários projetos desenvolvidos por vocês.

A todas as travestis e transexuais, em especial à Loreta e à Paula: obrigada, de coração, por tudo, por me receberem em suas casas, disponibilizarem seu tempo para me acompanhar nas avenidas, por me apresentarem as demais travestis. Sem vocês, seria impossível desenvolver dessa pesquisa.

Não posso deixar de agradecer a minha amiga Camila Souza: sempre que precisei chorar, sorrir ou brincar, estive comigo.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior), pela bolsa que possibilitou o andamento e a conclusão da pesquisa.

Por fim, muito obrigada a todos que fizeram parte deste trabalho, direta e indiretamente.

“Se o dinheiro for a sua esperança de independência, você jamais a terá. A única segurança verdadeira consiste numa reserva de sabedoria, de experiência e de competência.”

(Henry Ford)

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Marthin Luther King)

“Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”.

(Albert Einstein)

“Muitos acham que quero ser mulher. Não quero ser mulher, quero ser apenas eu.”

(Entrevista realizada com a transexual Loreta, em janeiro de 2015)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo estudar a prostituição de rua das travestis e transexuais da cidade de Três Lagoas (MS) por meio de duas categorias de análise da Geografia – mais especificamente, investigar a constituição do território de prostituição travesti e transexual em espaços públicos, como as calçadas, e sua correspondente territorialidade. Isso nos coloca diante das formas de apropriação e dos significados e sentidos destes espaços. A pesquisa estrutura-se em três partes: a primeira aborda os conceitos de território e territorialidade dentro da perspectiva da prostituição; a segunda traça o perfil das travestis/transexuais de Três Lagoas; a terceira discute a prostituição de rua na cidade. Sobretudo no que tange aos territórios da prostituição de rua travesti/transexual em Três Lagoas, estes são gestados e identificados em dois espaços: o primeiro, localizado ao longo da Avenida Ranulpho Marques Leal, BR 262, entre os postos de gasolina São Luiz e Pioneiro; Já o segundo ponto fica localizado na Avenida Clodoaldo Garcia. Ressalta-se que as travestis que atuam na Ranulpho Marques Leal, quando comparadas àquelas situadas na Avenida Clodoaldo Garcia, apresentam atributos físicos com características de padrão superior.

Palavras-chave: Território. Territorialidade. Gênero. Prostituição. Três Lagoas/MS.

ABSTRACT

This thesis aims to study the prostitution street of transvestites and transsexuals in the city of Três Lagoas (MS) by means of two categories of analysis of geography - more specifically investigate the creation of the territory of transvestite prostitution and transsexuals in public spaces such as sidewalks, and its corresponding territoriality. This puts us on the forms of ownership and the significance and meanings these spaces. The research is divided into three parts: the first deals with the concepts of territory and territoriality within the perspective of prostitution; the second traces the profile of transvestites / transsexuals Three Ponds; the third discusses street prostitution in the city. Especially with respect to the territories of street prostitution transvestite / transsexual in Três Lagoas, these are gestated and identified in two spaces: the first, located along the Ranulpho Marques Leal Avenue, BR 262, between gas stations St. Louis and Pioneer ; the second point is at Avenida Garcia Clodoaldo. It emphasizes that the transvestites who work in Ranulpho Marques Leal, compared to those located on Avenida Clodoaldo Garcia, have physical attributes with standard features superior.

Keywords: Territory. Territoriality. Genre. Prostitution. Três Lagoas/MS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Três Lagoas (MS).....	19
Figura 2: Panfleto do Projeto Vozes da Transformação.....	21
Figura 3: Os territórios da prostituição em Três Lagoas (MS)	48
Figura 4: Evocações dos territórios travesti e transexual.....	53
Figura 5: Travestis da Avenida Clodoaldo Garcia.....	55
Figura 6: Travestis e transexuais da Avenida Ranulpho Marques Leal	56
Figura 7: Território e territorialidade da prostituição na Avenida Clodoaldo Garcia.....	58
Figura 8: Território e territorialidade da prostituição na Avenida Ranulpho Marques Leal	59
Figura 9: Uso e ocupação da Avenida Ranulpho Marques Leal durante o dia	64
Figura 10: As redes estabelecidas pelas travestis e transexuais da cidade de Três Lagoas (MS).....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Realização sexual das travestis e das transexuais	33
Quadro 2: Intensidade de gênero	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Diferença entre travestis e transexuais	34
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Identificação de gênero	33
Gráfico 2: Idade das entrevistadas	39
Gráfico 3: Escolaridade das transexuais e travestis	39
Gráfico 4: Rendimentos mensais advindos da prostituição travesti/transexual em salários mínimo.....	41
Gráfico 5: Trabalho em outras atividades.....	42
Gráfico 6: Como se protegem da violência?	72

SUMÁRIO

PRÓLOGO	15
INTRODUÇÃO	17
1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE NA GEOGRAFIA	23
2 OS SUJEITOS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS	32
2.1 Perfil das travestis e transexuais profissionais do sexo	37
2.1.1Escolaridade.....	39
2.1.2 Renda.....	41
3 A PROSTITUIÇÃO EM TRÊS LAGOAS: TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES.....	44
3.1 O lugar da prostituição em Três Lagoas	46
3.2 Microterritorializações urbanas das travestis e transexuais nas Avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia.....	52
3.3 As redes de prostituição	65
3.4 A violência sofrida em Três Lagoas pelas travestis e transexuais	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO	82

PRÓLOGO

O fenômeno da prostituição em Três Lagoas (MS) era algo que já me fazia refletir desde o início da graduação no curso de Geografia da UFMS, no *campus* de Três Lagoas, em 2009. A Avenida Ranulpho Marques Leal era parte do trajeto de casa até a universidade e, ao longo deste percurso, observava vários indivíduos nas esquinas da avenida, com roupas chamativas, cabelos longos, maquiados. “Quem seriam aquelas pessoas? Mulheres? Homens? Gays? Travestis? Por que estariam ali?” era uma curiosidade comum, minha e de várias outras pessoas. E, como curiosidade, apenas, logo era posta de lado, esquecida, sem relevância. Por que daria importância a isso?

Em 2012, ano de conclusão da graduação, com uma experiência maior de leituras e uma compreensão mais ampla do que era a Geografia, consegui enxergar com outros olhos aquelas pessoas que ali se encontravam todos os dias, no mesmo lugar. Fizera-me ver, com olhar geográfico, como a prostituição organizava aquele espaço que se materializava em territórios e suas territorialidades. Então, decidi pesquisá-las; porém, com a decisão, veio também o medo de elas me agredirem, serem “ásperas” e não aceitarem ao menos conversar comigo.

Mesmo com receio, fui a campo como quem vai à guerra, preparada para tudo. Quanta idiotice e preconceito da minha parte. Quando cheguei à Avenida Ranulpho Marques Leal (BR 262), dirigi-me até as travestis/transexuais e perguntei se poderiam conversar um pouco comigo. Surpreendentemente, desmistificando o preconceito, fui muito bem recebida por todas, as quais me concederam entrevistas e fotos.

O universo da Geografia dentro da perspectiva de gênero foi algo que logo me fascinou. Foi então que minha atual orientadora, professora Dr.^a Edima Aranha, fez-me o seguinte desafio: fazer o projeto de mestrado para investigar o território e a territorialidade da prostituição em Três Lagoas.

O desafio foi aceito. Em 2013, estabeleci o segundo contato com as travestis e transexuais, já com algum embasamento teórico, para definir como proceder e o que perguntar, porque estava prestes a entrar num universo totalmente desconhecido. Para minha surpresa, a teoria estudada não condizia com a realidade constatada em campo. Uma delas me fez reimprimir a folha do questionário, incluindo o termo “transexual” no início da página – uma vez que ela assim se

designava (ainda que não tivesse feito a cirurgia para retirar o órgão genital masculino) e, na entrevista, apenas a sujeita “travesti”. Outras fizeram questão de verificar se todas as perguntas estavam redigidas no gênero feminino, fazendo com que eu logo percebesse a existência de uma identificação de gênero muito intensa. Por isso, elaborei mapas coloridos, com corações e borboletas, de modo que elas se sentissem representadas. A pesquisa é delas, é para elas; por isso, as representei da forma como gostariam de ser representadas. Aprendi que é a partir do campo que adquirimos a teoria e não ao contrário.

INTRODUÇÃO

Na fase inicial deste trabalho, durante a revisão da literatura, deparamo-nos com poucas referências no âmbito da ciência geográfica em relação à prostituição e o espaço, pois essa relação tem sido tratada com parcimônia e, até certa medida, como um estudo “não geográfico”. Tratar da prostituição nos estudos geográficos ainda representa um desafio. O que dizer, então, dessa possível junção entre Geografia e sexualidade?

Os processos culturais inerentes às relações de poder, como as identidades simbólicas culturais mais específicas, são aspectos utilizados em estudos de Geografia quando se destaca o conceito de território, além de relações econômicas e políticas (SAQUET, 2011).

No campo da Geografia, o interesse em discutir a organização espacial a partir do fenômeno da sexualidade surgiu ao longo dos últimos 20 anos, devido ao trabalho de autores como Castells (1983), Jackson (1989), Doyle (1996), Knopp (1992), Bell e Valentine (1995).

Posteriormente às suas obras, houve um desenvolvimento crescente da investigação sobre sexualidade e Geografia:

[...] era sentida a necessidade em “colocar as sexualidades no mapa” reforçando a indisponibilidade de promover uma investigação sobre as sexualidades que vá ao encontro do crescente interesse, nascidos das perspectivas pós-estruturalistas, pós colonialistas e pós moderna nas ciências sociais, pelo corpo e pela suas formas discursivas e materiais, como elemento chave da investigação social (BELL; VALENTINE, 1995, apud VIEIRA, 2011, p. 244).

Há muitos preconceitos quando se trata de Geografia do gênero – mais especificamente em relação aos estudos sobre gênero de travestis/transsexuais (o grupo social eleito para essa pesquisa), como se elas não integrassem nosso contexto social. Esses são os temas considerados de menor importância nas reflexões envolvendo territorialidade e sociedade na ciência geográfica: sexualidade, travesti, travestilidade, gay, lésbica, homossexualidade e prostituição. Muitas são as razões para essa negligência por parte de geógrafos, desde os elementos epistemológicos que constituem o corpo conceitual da geografia brasileira até o

preconceito em torno da abordagem das sexualidades, dentro do campo científico (CABRAL et al, 2013).

Esta pesquisa tem como objetivo contribuir com a discussão sobre território-territorialidade a partir da sexualidade, ou seja, a partir da prostituição travesti/transexual, não propriamente com relação aos conceitos clássicos, mas, sobretudo, à mais recente conceituação a partir da história vivida por pessoas que imprimem, no território, a identidade do grupo social. As travestis/transexuais possuem uma existência espacial constantemente rememorada pela imbricação entre espaço e elementos identitários fortemente vinculada, no Brasil, à prática da prostituição (ORNAT, 2011).

Há diversos segmentos da prostituição em Três Lagoas – feminino, masculino, gay, travesti e transexual –, cada qual com suas peculiaridades. No segmento feminino da prostituição, as garotas de programa, geralmente, atuam em casas fechadas. Já nos segmentos masculino e homossexuais não há uma territorialidade fixa, eles circulam nas proximidades da avenida. Os homens e os homossexuais passam os seus números de telefone às travestis/transexuais, caso alguém procure por esse tipo de serviço. Já as travestis e transexuais possuem uma territorialidade fixa nas avenidas Clodoaldo Garcia e Ranulpho Marques Leal.

Assim, a pesquisa está estruturada em três partes. A primeira aborda os conceitos de território e territorialidade dentro da perspectiva da prostituição; a segunda traça o perfil das travestis e transexuais de Três Lagoas; e, na terceira, discute-se a prostituição em Três Lagoas – e como as práticas sociais dos sujeitos interagem com os espaços das avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia, como as travestis/transexuais se apropriam desses espaços, transformando-os em territórios da prostituição.

O referencial empírico de desenvolvimento dessa análise é a cidade de Três Lagoas, localizada na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul (ver Figura 1), à margem direita do rio Paraná, na divisa com o estado de São Paulo; há forte interação espacial de sujeitos oriundos do estado vizinho, o que constitui, portanto, diferentes territorialidades – entre elas, o nosso objeto de estudo.

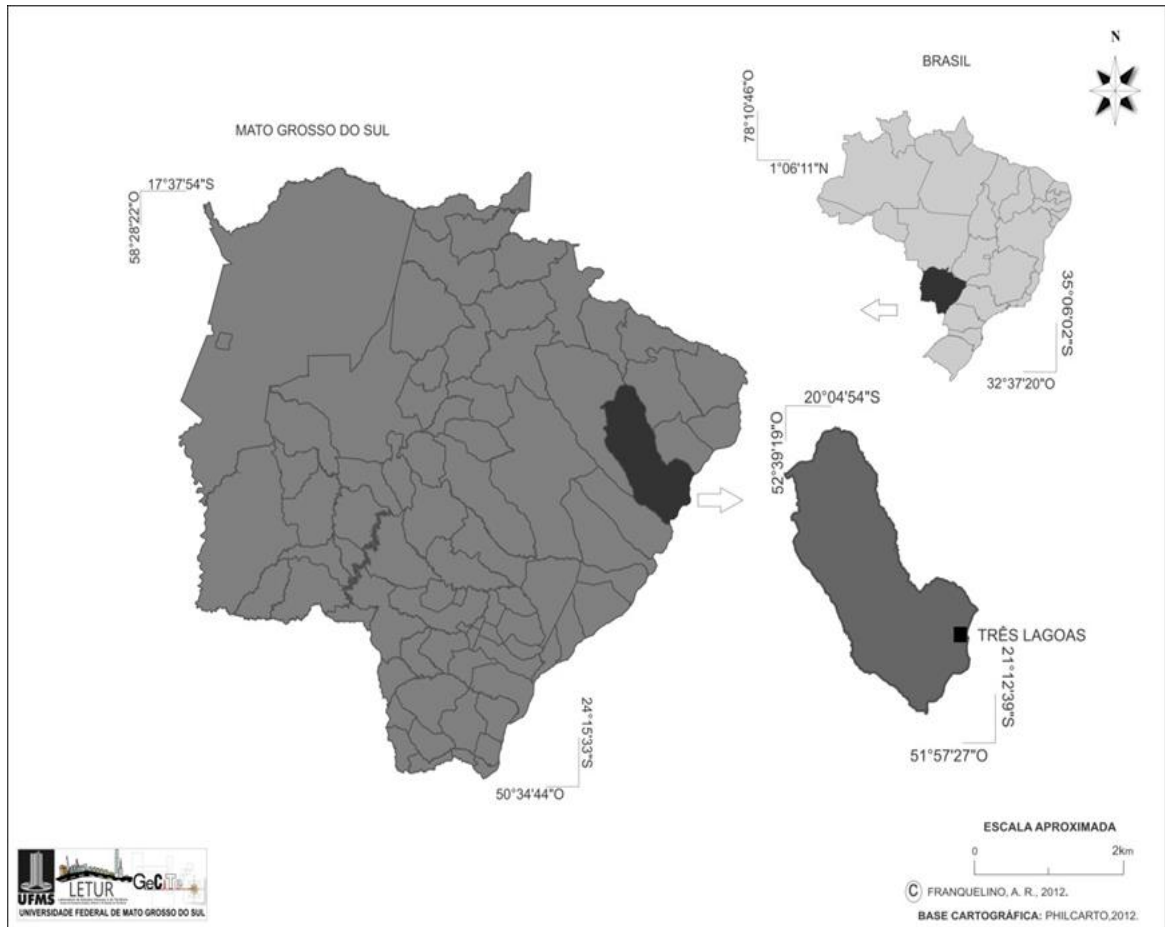


Figura 1. Localização do município de Três Lagoas (MS)

Quanto à metodologia, no intuito de atingir os objetivos propostos no trabalho, procedemos à revisão da literatura pertinente ao tema e saímos a campo em períodos distintos no decorrer dos anos de 2012 a 2015.

No Brasil, apesar da escassez de estudos referentes à temática, ajudaram no construto teórico-metodológico pesquisadores como Oliveira (2014), um dos primeiros a pesquisar sobre territorialidade travesti no Brasil, com sua monografia de graduação sobre a área central de Nova Iguaçu e o Balé do Lugar; Mattos e Ribeiro (1996), que estudou os “Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro”; Ribeiro (1997), ao contextualizar “Prostituição de rua e turismo em Copacabana - Avenida Atlântica e a procura do prazer”; Campos (2000), refletindo sobre a “Permanência e mudança no quadro de requalificação espacial de cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na área central de Recife”; Ornat (2009, 2011), que pensou as “Espacialidades travestis e a instituição do

território paradoxal” e os “Territórios descontínuos e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil”.

A realização da pesquisa de campo foi um dos procedimentos mais importantes e complexos no desenvolvimento da dissertação. A necessidade de ir a campo surgiu das seguintes inquietações: i) saber quem são aquelas pessoas que ficam, toda noite, nas calçadas das avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia; ii) desvendar os mitos e preconceitos em relação ao “ser travesti” e ao “ser transexual”; iii) saber por que se concentram nessas duas avenidas.

Feitas as discussões iniciais, registramos que a pesquisa de campo seria também qualitativa, uma vez que se tratava de estudar fenômenos humanos e sociais. Após a década de 1980, a pesquisa qualitativa foi retomada, pois as transformações ocorridas na década de 1970 levaram a educação, as ciências sociais e as ciências humanas a repensar a interpretação da realidade (PESSÔA, 2012). Estamos em meio a um período complexo e dinâmico em nossa sociedade; os dados quantitativos, por si só, não conseguem explicar essa nova realidade. A pesquisa é qualitativa para, assim, podermos “esmiuçar como as pessoas constroem o mundo à sua volta” (ANGROSINO, 2009, p. 8).

A principal fonte da pesquisa foi a observação direta. Somente as perguntas semiestruturadas não seriam suficientes: precisávamos saber como se relacionavam entre si, com os clientes, e quais ferramentas utilizavam para manter seu território e sua respectiva territorialidade. Desse modo, participamos como ouvintes de vários projetos realizados pelo Programa Municipal DST/AIDS e pela Associação das Travestis/Transexuais de Mato Grosso do Sul. A Figura 2 é o panfleto do projeto Vozes para a Transformação, o primeiro ciclo de encontros de que participamos com as travestis/transexuais; nesse projeto, fomos apresentados ao verdadeiro mundo delas – pois, até então, tudo não passava de hipótese, do que pensávamos sobre elas. Neste momento, “sermos aceitos” foi o primeiro passo para prosseguir com a pesquisa de campo.

transcritas integralmente, e a textualização escrita da expressão oral respeitou sua originalidade; somente as pontuações gramaticalmente inadequadas foram alteradas.

Os dados quali/quantitativos sobre as vivências das travestis e transexuais foram levantados durante o trabalho de campo. Com relação aos dados compostos pelas entrevistas, o trabalho de organização identificou padrões nas repostas obtidas junto ao grupo pesquisado. Todo o trabalho de manipulação e análise dos dados coletados, bem como a disposição dos mesmos na forma de texto estruturado, foi feito à luz das leituras realizadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Também foram elaborados e organizados mapas pictóricos, quadros e gráficos.

1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE NA GEOGRAFIA

“O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”.

(RAFFESTIN, 1993, p. 144)

Este capítulo trata-se do aporte teórico-conceitual. Busca-se expor o conjunto de referências teóricas em que se procura dar sentido aos argumentos e às análises que serão apresentados posteriormente. Assim, Geografia, o território é uma categoria de análise cuja relevância cresce cada vez mais. Suas qualificações também são decorrentes dessa importância, como é o caso da territorialidade – que designa a qualidade que o território ganha de acordo com a sua utilização pelos indivíduos e/ou grupos sociais (SAQUET, 2009). Para Ribeiro (2002), a partir dos anos 1980, o conceito de território foi resgatado em decorrência da abordagem de diferentes fenômenos geográficos por minorias étnicas, religiosas e sexuais.

O conceito de território vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, e vários autores tentaram definir o que é território no âmbito geográfico. Para Marx (1974), o território define-se não pelo domínio, mas pelo seu uso; para ele, “o que faz com que uma região da Terra seja um território de caça é o fato de as tribos ali caçarem”. Já na concepção de Friedrich Ratzel, o território é a posse de uma determinada propriedade, ou seja, é uma área que alguém possui. Ratzel naturaliza o povo e o território, ligando-os ao Estado-Nação: ora o território aparece como sinônimo da natureza (não havendo muita diferenciação entre território e solo), ora como Estado-Nação. Embora faça uma tentativa de discutir os elementos culturais/religiosos, econômicos e humanos, Ratzel não consegue tratar, coerentemente, essas três dimensões.

Segundo Souza (2000), território remete a “território nacional” em associação com o Estado; porém, não se deve reduzi-lo somente a essa escala. Para o estudioso, os territórios são construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas, como uma rua, uma cidade, ou mesmo um país.

Para Haesbaert (2004, p. 01):

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar.

Tratar de território sugere a ideia de mediação entre as relações humanas. A Geografia tem a responsabilidade de articular as duas bases que o delimitam: o espaço e o poder (RIBEIRO, OLIVEIRA, MAIA, 2011). O território é mais que um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder: nele, também está inserida a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades) e a economia (o trabalho, os processos de produção), aspectos de grande importância para a compreensão da gênese de um território, principalmente para o território travesti/transsexual (SOUZA, 2009).

O território é diferenciado do espaço por Claude Raffestin e Mercedes Bresso especialmente a partir da territorialidade cotidiana, ou seja, do conjunto de relações estabelecidas na vida em sociedade mediada pelo trabalho, pelo poder e pela linguagem. [...] é possível afirmar que o território é uma construção social, histórica, relacional e está sempre vinculada a processos de apropriação e dominação do espaço, e, evidentemente, das pessoas [...] (SAQUET, 2011, p. 22).

O território é um espaço cultural de identificação; sua apropriação torna-o um espaço político, lugar de poder, espaço de vivências. O caráter polissêmico de território foi apontado por Haesbaert (1997, p. 39-40), para quem seriam três os empregos recorrentes do conceito: o território político-jurídico, representado, mormente, pelo Estado-nação; o território econômico, relacionado a fontes de recursos, fruto do embate entre “classes sociais e da relação capital-trabalho”; e, por fim, o território cultural, tomado enquanto produto da apropriação simbólica e/ou da identificação no/com o espaço.

Na concepção de Santos (2006, p. 14),

O território não é apenas o conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Para Ribeiro e Oliveira (2011, p. 22), o território possui três facetas distintas:

[...] a física, ou seja, o espaço territorial; a organizacional, definida como as regras e o controle (poder) atuantes dentro do espaço territorial; e a existencial, que pode ser entendida como a identidade do território, o que vai subentender limites, mesmo que não sejam físicos.

O poder incide sobre o espaço, consubstanciando-se em algum objeto, uma indústria, uma loja ou qualquer construção. Ocupar um espaço o transforma em território, pois denota ação de controle sobre o local edificar algo nele (HAESBAERT, 2006). Nessa perspectiva, Saquet (2007, p. 24) define território como sendo

[...] natureza e sociedade; economia, política e subjetivamente; *ideia* e *matéria*; identidades e representações, apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. Isso significa a existência de interações *no* e *do* processo de territorialização, que envolvem e são envolvidos por processos sociais semelhantes e diferentes, nos mesmos ou em distintos momentos e lugares, centradas na conjugação, paradoxal, de des-continuidades, de desigualdades, diferentes e traços comuns. Cada combinação específica de cada relação espaço-tempo é produto, acompanha e condiciona os fenômenos e processos territoriais.

O território seria, dessa maneira, o espaço social apropriado, concreto, mediante o qual a vida humana se torna possível; contudo, é também um dado simbólico, resultante da apropriação simbólica do espaço de vivência de um grupo, o qual se identifica com esse espaço, dotando-o de sentido e estabelecendo com os mesmo laços de identidade e afeto – como bem evidencia Santos (2006), ao dizer que “o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as fraquezas [...]”.

O aprofundamento da discussão do conceito de território levou alguns geógrafos à formulação de outro conceito, o de territorialidade. Saquet (2007, p. 24) expõe que “é preciso ter sutileza e habilidade, pois cada sociedade produz seu(s) território(s) e territorialidades(s), a seu modo, em consonância com suas normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com suas atividades cotidianas [...]”.

Desta forma, para Haesbaert (2006, p. 97), a produção territorial dá-se num processo que recebe o nome de territorialização:

Territorializar-se, desta forma, significa, criar mediações, espaciais que nos proporcionem efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais (para alguns também enquanto indivíduos), poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material imaterial, de “dominação” e apropriação” ao mesmo tempo.

Incluem-se as dimensões econômica (“uso da terra”) e cultural (“significação” do espaço) nas territorialidades, ligadas ao modo como as pessoas usam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como conferem significado ao lugar. O território, aqui, é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referências para a construção de identidades, construindo territorialidades (HAESBAERT, 2006).

Ademais, Sack (apud HAESBAERT, 2006, p. 88) também reconhece três relações interdependentes contidas na definição de territorialidade:

- a territorialidade envolve uma forma de classificação por área (o que restringe sua noção de território ao que chamaremos aqui de territórios-zona, pautados numa lógica zonal ou areal, excluindo os territórios-rede ou de lógica reticular);
- a territorialidade deve conter uma forma de comunicação pelo uso de uma fronteira (“uma fronteira territorial pode ser a única forma simbólica que combina uma proposição sobre direção no espaço e uma proposição sobre posse ou exclusão”);
- a territorialidade deve envolver uma tentativa de manter o controle sobre o acesso a uma área e às coisas dentro dela, ou às coisas que estão fora através da repressão àquelas que estão no seu interior.

De acordo com Damiani (2002, p. 18), as “territorialidades móveis são múltiplas, heterogêneas”, e incluem aquelas de caráter cotidiano, conformando territórios enquanto espaços vividos, apropriados e repletos de significados e sentidos, individuais e sociais. A territorialidade, para a autora, é constituída por duas dimensões: decorre de uma apropriação “real”, “concreta”, e outra mista, resultante da combinação entre o “real e o representado”. O território é, assim, um espaço apropriado, e todos os significados que esse território adquire para um determinado indivíduo ou grupo é o que chamamos de territorialidade.

Segundo Raffestin (1993, p. 159), a territorialidade é “a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os

membros de sua própria espécie”. De acordo com Soja (1971, p. 19), no âmbito da conotação política da organização do espaço pelo homem, a territorialidade pode ser vista como “um fenômeno comportamental associado com a organização do espaço em esferas de influência ou de territórios claramente demarcados, considerados distintos e exclusivos [...]”. Nesse sentido, as profissionais do sexo que se apropriam de uma rua ou calçada definem sua territorialidade ao delimitar e defender seu território.

As territorialidades determinam cada território. “As forças sociais efetivam o território *no e com o* espaço geográfico, centrado nas territorialidades e temporalidades dos indivíduos e emanado delas, condicionando e sendo diretamente determinado por nossa vida cotidiana” (SAQUET, 2011, p. 27).

Por meio dessa breve explanação, é possível, então, entender o território

Construído a partir do espaço e formado a partir de territorialidades, sendo caracterizado ainda por uma relação de poder exercida por determinados atores sobre um determinado espaço, podendo ser construído em diversas escalas e dotado de identidade (BARRETO; ALVES, 2010, p. 06).

Cada espaço apresenta uma ambiência específica que contribui para a configuração de um território e uma territorialidade. “A territorialidade pode ser entendida com uma estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar recursos ou pessoas, por controle de área” (OLIVEIRA, 2002, p. 27).

É sob esse prisma de conceituação de território que se buscou compreender a territorialidade da prostituição, que incide em duas das avenidas mais movimentadas de Três Lagoas (MS). A ambiência encontrada nesses espaços é propícia à manifestação da territorialidade travesti, por ser um local de fluxo de carros e caminhoneiros, longe das casas de famílias, próximo a motéis e postos de gasolinas e de ambientes escuros. Há uma linha de força que unifica tais processos: o território – isto é, o território é um viés epistemológico para o estudo de caso da prostituição.

O território é fruto da ação, do poder, que por si só é imaterial e nasce, primeiramente, no campo das ideias. Segundo Barbosa e Pimentel (2011, p.79),

[...] a construção de um território é de vital importância para que um determinado grupo possa exercer o controle, de modo a permitir a manutenção da atividade e inevitavelmente realizar o exercício do poder e coesão interna, como forma de manter a ordem e a perpetuação da atividade, além de defender o território de possíveis “invasores”.

Nesse sentido, para Mattos e Ribeiro (1996), os territórios da prostituição podem ser considerados como aqueles que são apropriados, em uma rua ou um conjunto de ruas, durante um período determinado, por certos grupos de profissionais do sexo. A prostituição está integrada à dinâmica da cidade, concentrando-se em certos pontos, não dependendo somente de quem está dentro (prostitutas e travestis), mas também de sujeitos externos (clientes):

[..] a rua, assim como a prostituição, é um espaço gerador de sociabilidades, um lugar de sobrevivência, mas também de amizades e namoros, de diversão e prazer, além de ser o local onde as travestis se tornam travestis através da observação e incorporação de técnicas de comportamentos e de construção do próprio corpo. Entretanto, à rua são atribuídas também conotações negativas, vista, da mesma forma que a prostituição, como uma falta de opção, um triste destino traçado pelo preconceito e discriminação de uma sociedade [...] (FIGUEIREDO, 2009, p. 69).

Para muitos, a “rua” é um lugar para caminhar, passear – mas também pode significar, segundo Ana Fani Carlos (2007, p. 51-2), um importante elemento de análise:

Todavia a cidade é reproduzida a partir da articulação de áreas diferenciadas com temporalidades diferenciais que se produzem, fundamentalmente, da constituição de uma forma de apropriação para uso que envolve especialidades que dizem respeito à cultura, aos hábitos costumes, etc., que produzem singularidades espaciais que criam lugares na cidade das quais a rua aparece como elemento importante de análise.

Para as travestis e transexuais profissionais do sexo, a “rua” é seu lugar de “batalha”, o que simboliza uma fragmentação do espaço e a formação de um território voltado à prostituição, pois a rua passa a ser um território culturalmente colonizado durante certo período de tempo – no caso, à noite, por travestis/transexual (BARBOSA; PIMENTEL, 2010). Os autores elaboram um estudo

sociológico esclarecedor sobre o sistema de trocas simbólicas que a prostituição envolve: a transferência da impessoalidade do dinheiro para o corpo feminino. O território da prostituição travesti/transexual está impregnado de formas simbólicas, seja por sua vestimenta, seu modo de falar, pensar ou agir.

A rua deixa de ser considerada um simples local de passagem ou caminhada e passa a ter uma função importante quanto aos seus diferentes usos, principalmente quando apropriadas pelas travestis/transexuais para o domínio da prostituição.

Ademais, Ribeiro (1997, p. 89) define território da prostituição a partir da

[...] apropriação, durante certo período de tempo, de uma rua ou de um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, “michês” e travestis, que através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essa área como território para a prática de tal atividade.

Na construção de espaços voltados à prostituição nas pequenas e médias cidades, como no nosso caso, a prostituição de travestis e transexuais tem se concentrado, principalmente, em locais próximos a rodovias, motéis, centros comerciais, sempre longe do convívio familiar. Esses territórios da prostituição funcionam, geralmente, no período noturno – pois, durante o dia, as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno das áreas de obsolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios e pequenas oficinas.

A prática da prostituição, não diferente de outras atividades precisa de um espaço para que a atividade seja desenvolvida. Assim como qualquer grupo que exerce o domínio sobre uma determinada porção do espaço a atividade em destaque. São esses atores que produzem o território, composto por malhas, nós e redes, partindo da realidade inicial dada que é o espaço, passando à implantação de novos recortes e ligações (PIMENTEL, 2012, p. 03).

O território da prostituição é constituído por um grupo de pessoas que se apropriam de um mesmo espaço (calçadas ou ruas) e que lá estão não somente por se identificarem, mas porque se engajaram num mesmo propósito, cuja identidade comum é serem travestis/transexuais e cujo objetivo é a prostituição.

Falar em território da prostituição pressupõe falar de controle de área, notadamente a área que foi definida e apropriada, ou seja, uma área onde a normalidade é um conjunto de comportamentos “desviados, aberrantes e transgressores”. O controle do território pressupõe uma certa união das travestis envolvidas com a atividade da prostituição, na reprodução cotidiana do território (ORNAT, 2008, p. 70).

Essa multiplicidade na construção do território da prostituição é um espaço híbrido, um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações.

O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através de seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem (SANTOS, 1996, p. 104).

Para Raffestin (1993), o espaço, ao sofrer uma intervenção por uso de poder, torna-se um território. Deste feita, entende-se em Haesbaert que esse poder pode ser tanto material – construções, compra, apropriação – ou imaterial – sentimento. Logo, a cidade, um espaço no qual recaem ações desencadeadas pelo poder, nas suas duas maneiras, qualifica-se como um território.

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação (HAESBAERT, 2006, p. 20).

Nesse sentido, é válido ressaltar:

O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. O território apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades (ROSENDHAL, 2005, p. 129).

Na cidade, o território pode conter vários outros territórios, já que a mesma é constituída por espaços diferentes, porém articulados. Assim, o tecido urbano é um território preme de outros territórios:

[...] o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo,

multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo (HAESBAERT, 2006, p. 67).

Sendo o *lócus* territorial da produção, cada parte deste território citadino possui uma característica a ser utilizada de acordo com a temporalidade existente, ou seja, uma territorialização a ser realizada conforme a necessidade dos abastados e, também, dos mais pobres. O território da prostituição das travestis e das transexuais¹ constitui microterritorializações urbanas; essas expressam diferentes aspectos e diferentes condições de formações, como “terceiras culturas” e/ou “hibridismos”, compostos na qualidade das misturas de comportamentos e expressões (COSTA, 2011), conforme veremos na próxima parte do trabalho.

¹ Da mesma forma que Ferreira (2003) e Pelúcio (2007), optamos por conferir às palavras travesti e transexual o gênero feminino, utilizando, desta maneira, o artigo “a”. Isso porque, assim como as observações em campo dos autores acima, o trabalho empírico mostrou ser esta a forma com que as profissionais se tratam umas às outras. Evidenciou-se que “[...] Entre si, os artigos, pronomes e substantivos para se auto-referirem, ou para tratarem aquelas que lhes são próximas, estão sempre no feminino” (PELÚCIO, 2007, p. 18).

2 OS SUJEITOS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Há vários segmentos sexuais que, muitas vezes, nos confundem; é o caso das transexuais, travestis, transformistas, etc. Há diversidade, por exemplo, na definição dos termos “travesti” e “transexual”. Para Silva e Ornat (2010, p. 55), travesti “significa e nomeia seres humanos que possuem um corpo biologicamente masculino e identidade de gênero feminina”. Seguindo essa linha de raciocínio, também poderíamos definir as transexuais como pessoas que se sentem pertencentes ao sexo oposto ao seu sexo anatômico. Mas como diferenciá-las? Diante das múltiplas possibilidades de uso das categorias de identificação de gênero encontradas durante o trabalho de campo, procurei, a priori, não definir o que eram travesti e transexual.

Na revisão literária, o que mais se encontra é essa definição básica dos dois termos: transexual seria a pessoa que se identifica com o sexo oposto e se submete a uma cirurgia² para a retirada do órgão genital com o qual nasceu. Travesti seria a pessoa que se identifica com o sexo oposto e transforma seu corpo com o uso de hormônios, próteses de silicones etc., mas que não se submeteu e nem pretende se submeter a uma cirurgia.

Em campo, percebe-se que não se trata somente dessas diferenças, e que definir o que era um ou outro seria algo muito complexo e delicado. Buscamos auxílio na Antropologia e na Psicologia, que nos levaram a outra reflexão.

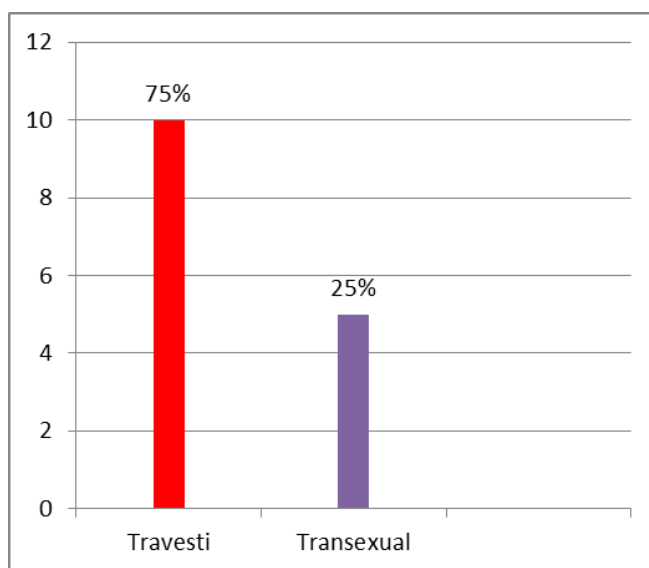
A travesti não apresenta uma inconformidade tão intensa com seu sexo biológico quanto as transexuais; ela exclui a possibilidade de se desfazer dos seus genitais e os identifica como fonte de prazer, porém, simultaneamente, necessita de se caracterizar e de se vestir como o sexo oposto ao seu (SILVEIRA, 2006). As travestis se vestem e vivem no gênero oposto; as transexuais se sentem no gênero oposto. As travestis não abandonam o gênero masculino, tendo, assim, um menor grau de desconforto com seu órgão genital, quando comparadas com as que se autodenominam transexuais.

Desse modo, pessoas autodeclaradas travestis são ativas e passivas com homens. Já as transexuais realizam-se, sexualmente, somente como passivas –

²Até 1997, esta cirurgia era proibida no Brasil, sendo considerada crime de Lesão Corporal pelo Código Penal Brasileiro.

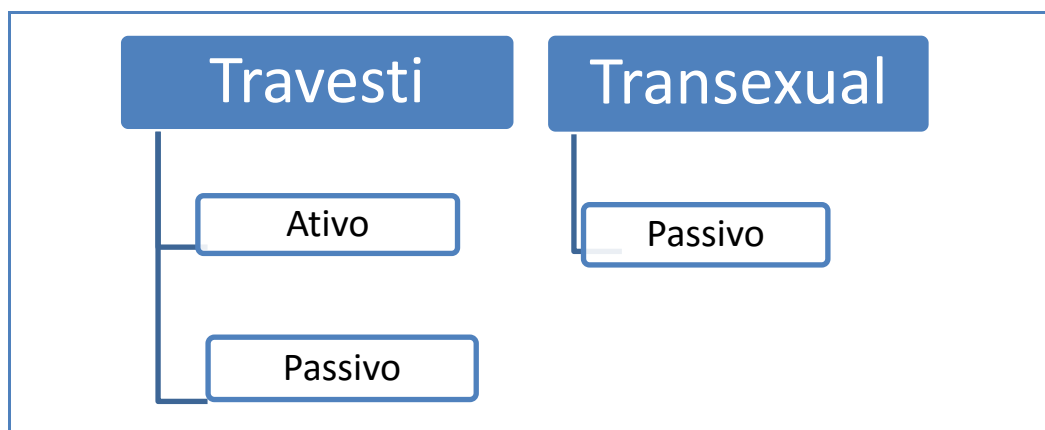
ainda que possam ser ativas, porém, apenas por questões comerciais. Entre as 15 entrevistadas – 10 travestis e cinco transexuais, como mostra o Gráfico 1 –, 100% das que responderam que sua identidade de gênero era travesti disseram sentir-se sexualmente realizadas tanto passiva quanto ativamente; e 100% daquelas que se autodenominaram transexuais disseram sentir-se realizadas como passivas, pois gostam de se sentir mulheres (ver Quadro 1).

Gráfico1
Identificação de gênero



Org.: NASCIMENTO, G. T., 2015.

Quadro 1
Realização sexual das travestis e das transexuais



Organização: NASCIMENTO, G. T.
Fonte: Saída de campo, 2015.

A definição adotada e que sustenta este trabalho é concebida por Harry Benjamin, autor que sistematizou a ideia de transexualismo na década de 1950:

As diferenças básicas entre travestis e transexuais encontram-se na relação que cada qual mantém com seu respectivo órgão genital e com o desejo da cirurgia de transgenitalização: enquanto as travestis não desejam esta cirurgia e sentem prazer com seu órgão genital, as transexuais as desejam e sentem desconforto e “profunda infelicidade” em relação ao seu órgão genital (apud BARBOSA, 2010, p 16).

Para o mesmo autor, no caso das transexuais, há um

[...] desejo intenso, por vezes obsessivo, de mudar completamente de estado sexual, inclusive da estrutura orgânica. Enquanto o travestismo representa o papel da mulher, o transexual deseja ser e funcionar como mulher, aspirando a adquirir tantas características quantas forem possíveis da mulher, seja de ordem física, seja de ordem mental, e seja ainda de ordem sexual. Tanto o travestismo como o transexualismo são sintomas da mesma condição de base; trata-se, nos dois casos, de distúrbio da normal orientação do sexo e do gênero (apud BARBOSA, 2010, p. 89).

Nota-se que o autor fala do desejo de se submeter à cirurgia; porém, a pessoa transexual não precisa já haver realizado a cirurgia para se sentir como tal. Essas diferenças entre travestis e transexuais encontram-se no esquema da Tabela 1:

Tabela 1

Diferenças entre travestis e transexuais

	Identidade de gênero	Práticas sexuais	Orientação sexual
Travestis	Aparência feminina e/ou masculina	Passivas e ativas	Indefinido
Transexuais	Feminina	Passivas	Heterossexuais

Org.: NASCIMENTO, G. T., 2015

As entrevistadas que se autodeclararam transexuais não se submeteram à cirurgia para a retirada do órgão genital masculino, mas vivem como mulheres em período integral e se sentem sexualmente realizadas como passivas. O motivo da não retirada do órgão é comercial, pois a maioria de seus clientes as procuram para

que sejam ativas. Para Barbosa e Pimentel (2011, p. 86), “O pênis é tido por elas como seu ‘ganha pão’, pois a maior parte dos clientes que as procuram deseja ser passivo. Para elas, os Tloves³, a maioria casados, procuram-nas porque acreditam estar transando com uma mulher que possui ‘algo a mais’”. Por isso a importância e a valorização da genitália masculina.

Nas palavras de Paula, transexual autodeclarada, o que difere uma travesti de uma transexual é a identificação de gênero, ou seja, a transexual tem sua identidade de gênero feminina durante 24 horas por dia; já a travesti “se monta” – ou seja, produz-se, e sua identidade de gênero pode ser masculina e/ou feminina.

As montadas não são transexuais, são rapazes que se vestem de mulher para ganhar dinheiro, para pagarem suas contas. Elas podem agir como, podem se vestir, podem se comportar, mas a realidade delas é diferente. Porque a transexual dorme mulher, acorda mulher, vive mulher. E a montada não, ela se veste para ganhar dinheiro. É como um professor que veste seu jaleco, o advogado que veste o terno, a cozinheira que coloca seu avental, como um juiz que coloca sua manta, ela se veste de mulher para ganhar dinheiro (entrevista com a transexual Paula, 15 de janeiro de 2015)

Quando indagada sobre o processo de transformação do seu corpo, Paula responde:

Vendo que não estava tomando forma feminina suficiente como almejava, procurei a aplicação de silicone, fiz cirurgias plásticas, prótese de mama e hormônio. Sofri muito preconceito por causa disso, a vida das travestis e das transexuais não é fácil no Brasil. Eu queria essa transformação, almejava isso, pois quando estamos satisfeitos com o nosso corpo a gente se sente realizado como pessoa, como um ser humano. **(Antes da transformação, qual era sua referência de pessoa?)** Uma pessoa triste, deprimida, uma pessoa que não era feliz com o seu corpo, uma pessoa que queria ser mulher, que lutou para isso. Após, estou realizada, porque coloquei meu pensamento feminino, expus isso, e agora vivo como mulher, acordo mulher, durmo mulher, e quando me olho no espelho me sinto realizada. **(O que é ser transexual para você?)** É como um minotauro, ele tem dois corpos. No caso das transexuais elas têm duas cabeças, uma feminina e outra masculina, a cabeça masculina é para se defender, e a cabeça feminina ela já nasce assim com essa esperança. Mas ela não tem inveja de mulher, ela admira uma mulher, tanto que fazemos de tudo para ser iguais.

³ Os clientes atribuem notas para as travestis/transexuais através de um blog.

Para as travestis, essas mudanças corporais não são prioridades; algumas até usam próteses de silicone nos seios, tomam hormônios, mas isso não se torna fator primordial na constituição de sua identidade. A transexual Sandra conta que “[...] toda minha vida que entendo por gente, desde quando criança, eu não sabia o que acontecia, mas alguma coisa era diferente em mim, delicadeza, queria me sentir como menina”. Apresenta-se, no Quadro 2, uma síntese das características para entender melhor cada sujeito. As transexuais possuem maior índice quanto à intensidade de gênero, seguidas das travestis. Por isso, conforme Paula e Sandra, o processo de transformação do corpo é uma necessidade que as trans sentem desde muito cedo. Contudo, devemos considerar outros fatores além dos expostos no quadro: a definição é mais complexa, e não se pode, simplesmente, diferenciá-las apenas por terem feito ou não a cirurgia de mudança de sexo.

A recusa de se submeter à cirurgia é relativa e depende de cada uma; isso não significa que sua intensidade de gênero é maior ou menor – pode ser que, para algumas que não pretendem fazer a cirurgia, a intensidade de gênero seja maior.

Quadro 2
Intensidade de gênero

Alta TS TG CD (hi) DQ DK CD (lo) Baixa	TS (Transexual) – pessoa que se identifica com o sexo oposto, devendo viver o tempo total como a pessoa de outro sexo ou buscar uma transformação anatômica tanto a partir da utilização de hormônios como através de cirurgias. TG (Transgenderist) – pessoa que vive o papel de gênero oposto, ingerindo hormônios do gênero oposto, mas que se recusa a se submeter à uma cirurgia. DQ (drag queens) – pessoas imitadoras do gênero feminino, embora nem sempre sejam atraídas por homens. As vezes são também transsexuais. DK (drag kings) – pessoas imitadoras do gênero masculino, embora nem sempre sejam lésbicas. As vezes são também transsexuais. CD (crossdresser) – pessoa que gosta de se vestir com roupas do sexo oposto (como a transvetite). Pode ser frequente ou regular (hi) ou esporádico (lo).
--	--

Fonte: Adaptado de Doan (2007, apud ORNAT, 2011, p. 24)

As travestis exercem um papel no gênero oposto ao seu, mas essa identidade não é bem definida – pode ser ora passiva, ora ativa, ora homem, ora mulher. Já as transexuais nunca pertenceram ao sexo masculino: seriam apenas indivíduos que nasceram mulher, mas com o órgão genital masculino. Sendo assim, elas não se identificariam com o sexo oposto, no caso, o feminino: elas pertenceriam a ele, ou seja, seriam mulheres que se sentem atraídas por homens.

Essa não-identificação com os atributos biológicos pode se transformar em um desconforto ou até mesmo uma estranheza tal, levando à cirurgia, alterações cirúrgicas, hormonais a até mesmo à cirurgia dos genitais, em alguns casos, para que eles possam ter correspondência com a sua identidade psico-emocional (MACHADO, 2008, p. 21).

Poderíamos, então, classifica-las como pessoas orientadas para o mesmo sexo? Se considerarmos as travestis e as transexuais no gênero masculino e o fato de se sentirem atraídas pelo gênero masculino, sim, elas seriam pessoas orientadas para o mesmo sexo. Porém, vamos considerá-las, neste trabalho, como indivíduos no gênero feminino que se sentem atraídas pelo gênero oposto, o masculino. A ideia principal não é discutir conceitos de gênero, mas trazer a vivência e a percepção da realidade das travestis e das transexuais.

2.1 Perfil das travestis e transexuais profissionais do sexo

Por meio de pesquisa de campo desenvolvida com garotos de programa no centro velho da cidade de São Paulo, o antropólogo Néstor Perlongher constatou que as pessoas que desempenham esse tipo de atividade, como a prostituição, geralmente o fazem porque são expulsas da ordem da família e do trabalho formal.

A prostituição surge na vida das travestis e transexuais quando os pais descobrem essa identificação com o gênero feminino e não aceitam a opção sexual dos filhos, que se veem obrigados a ir embora de casa, geralmente ainda muito jovens. É quando eles encontram na prostituição uma oportunidade de sobrevivência, já que o mercado formal os discrimina.

Com 10 anos, tive minha primeira experiência homossexual, quando resolvi falar para minha família com 12 anos que era isso, era aquilo. Maldita hora que resolvi comentar, foi no natal, estava toda minha

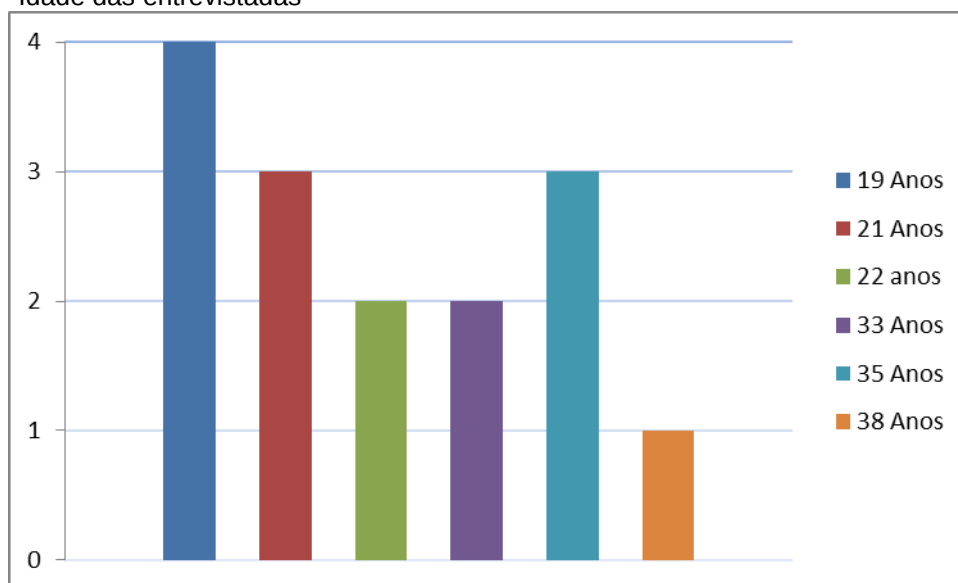
família presente, quando fui barbaramente espancada pelo meu pai, minha mãe não tomou nenhuma posição, fui posta para fora como se joga um saco de lixo. Eu não tinha para onde ir, como ir e o que fazer. Conheci uma travesti chamada Fabiana, já falecida, que me levou para São Paulo, eu tinha 11 para 12 anos, lá foi minha primeira experiência como trans como profissional do sexo. Apanhei muito, vi muita coisa errada, vi muitos assassinatos (entrevista com Sandra, 38 anos, 2015).

A minha família ao saber que não era menino e me comportava como menina, e que eu queria ser mulher, meu pensamento era de mulher, não concordou, mas hoje já aceitou (entrevista com Paula, 35 anos, 2015).

A idade das travestis e transexuais entrevistadas varia entre 19 e 38 anos de idade, conforme mostra o Gráfico 2. A maior parte delas (60%) compõe-se de jovens entre 19 e 22 anos. Todas essas jovens moram com familiares, ou seja, não foram expulsas das casas dos pais; porém, foram excluídas do mercado de trabalho formal. No entanto, mesmo excluídas, notamos que elas também estão no campo da prostituição por opção. Segundo a travesti Bianca, de 19 anos, “prostituo porque gosto, porque quero, pelo dinheiro também, claro, mas pela minha avó eu não vinha para rua, moro com ela, ela me dá tudo que quero [...]”.

Nota-se que a reação dos pais das entrevistadas com idade entre 33 e 38 anos difere da dos pais das travestis e transexuais mais jovens: entre as mais velhas, todas foram expulsas de casa. Isso significa um avanço na sociedade em que vivemos: apesar do alto índice de violência a que ainda estão sujeitas, percebemos uma aceitação maior por parte dos pais e das escolas – porém, ainda há muito a aceitar para avançar e anular preconceitos.

Gráfico 2
Idade das entrevistadas

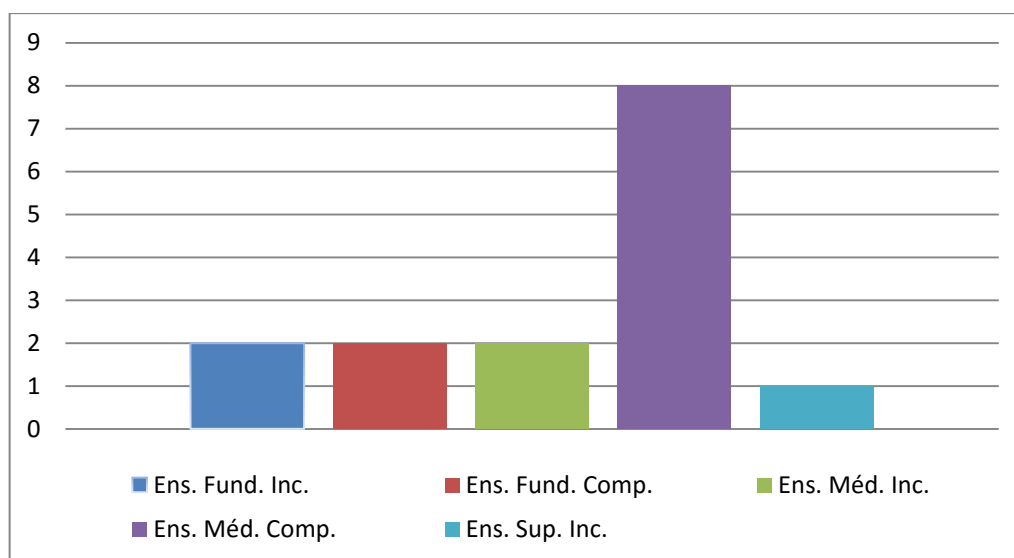


Org.: NASCIMENTO, G. T., 2015.

2.1.1 Escolaridade

Conforme o Gráfico 3, é possível analisar o grau de escolaridade das entrevistadas: 53,3% concluíram o ensino médio, 13,3% possuem ensino fundamental e médio incompleto e 6,6% têm ensino superior incompleto.

Gráfico 3
Escolaridade das travestis/transsexuais profissionais do sexo



Org.: NASCIMENTO, G. T., 2015.

Todas as entrevistadas relataram que não pretendem voltar a estudar. O motivo pelo qual desistiram não está relacionado somente ao fato de serem travestis ou transexuais: há um contexto social no qual estão inseridas. Indagadas sobre o assunto, a travesti Cinthia (em entrevista de 16 de janeiro de 2015) responde: “Saí da escola porque quis, não quero estudar, não nasci para isso [...], zuação na escola sempre tem, mas não era nada de mais, isso não influenciou minha vida”. Outras relataram preconceito por parte de professores e alunos:

Saí da escola três vezes, por causa da perseguição dos professores, eu estudava, estudava e só tirava nota baixa, ficava sempre de recuperação. Mas saía e voltava, terminei meus estudos e entrei na faculdade de Psicologia, mas não concluí, a faculdade é muito cara (entrevista com a transexual Sandra, 2015).

No primário não sofri muito preconceito. No ensino fundamental, na minha transição de homem para mulher, comecei a perceber que era diferente dos meus colegas, havia sim um preconceito, por causa disso, me tornei agressiva e as pessoas tinham medo de mim, aí diminuíram as brincadeirinhas (entrevista com a transexual Paula, 2015).

Mediante o exposto, compreende-se que aquelas que desistiram dos estudos não veem nele uma oportunidade de vida melhor; por isso, não pretendem voltar a estudar, pois ganham dinheiro rápido com a prostituição e sabem o quanto são marginalizadas pela sociedade. “Será que com faculdade eu conseguiria um emprego mesmo sendo uma travesti? Não!”, diz a travesti Cah (entrevistada em 17 de janeiro de 2015).

Cabe ressaltar que a discriminação na escola está atrelada ao início da transformação dos corpos das travestis/transexuais. As que disseram não ter sofrido preconceito na escola passaram por uma transformação tardia do seu corpo, ou não a experimentaram com o uso de hormônios. Paula e Sandra, transexuais, relataram ter sofrido preconceito e que as transformações do corpo começaram entre os 14 e os 16 anos; nessa fase de descoberta, a discriminação pela família, pela escola e pela sociedade aumenta. No entanto, notou-se pelas falas que a discriminação sofrida por elas no âmbito escolar não fez com que desistissem dos estudos, pois Paula terminou o ensino médio e Sandra é a única com ensino superior incompleto.

Deste modo, em relação ao grau de escolaridade do universo desta pesquisa, não há uma defasagem tão grande: a maioria possui ensino médio completo – ainda

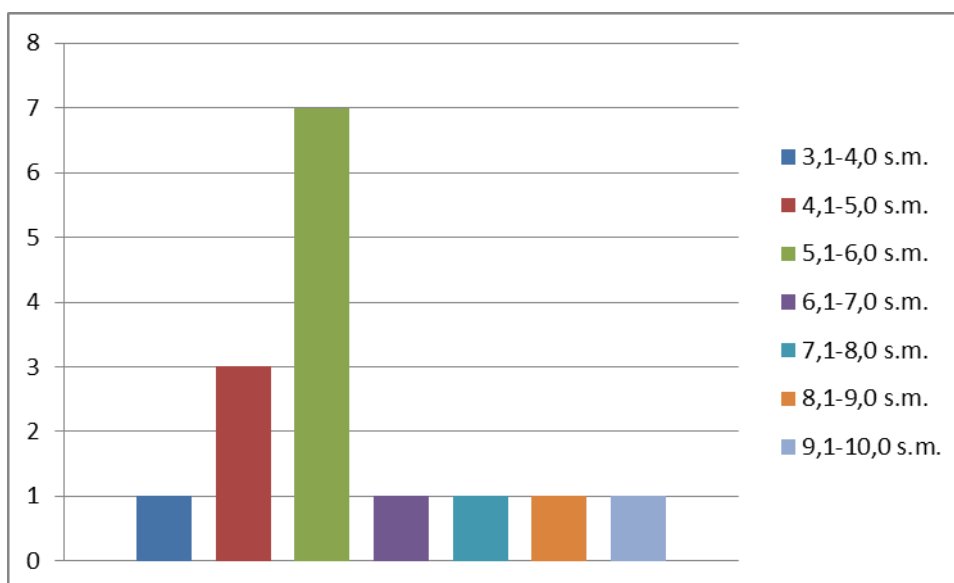
que a discriminação sofrida pelas travestis/transexuais na família, na escola e na sociedade, de modo geral, seja muito intensa. A escola propaga um discurso de democracia, igualdade e respeito, mas, na realidade, ainda existe no seu convívio muito preconceito. Assim, é na prostituição que veem uma oportunidade de trabalho, além de uma forma de se realizarem e se sentirem completas, expressando toda a identidade de gênero feminina. Cabe refletir sobre o exposto pela travesti Cah: haveria um lugar para elas no mercado de trabalho formal? Se conseguissem um emprego, teriam liberdade de expressão?

2.1.2 Renda

A pesquisa revelou que, na prostituição, travestis e transexuais ganham uma quantia considerável: a renda mensal pode variar de três a dez salários mínimos (ver Gráfico 4). Importante salientar que o valor do programa é estabelecido de acordo com as exigências do cliente; o preço médio varia de R\$ 20,00 a R\$ 60,00. No gráfico, considera-se apenas a renda proveniente da prostituição, extinguindo-se outras fontes de rendimento mensal.

Gráfico 4

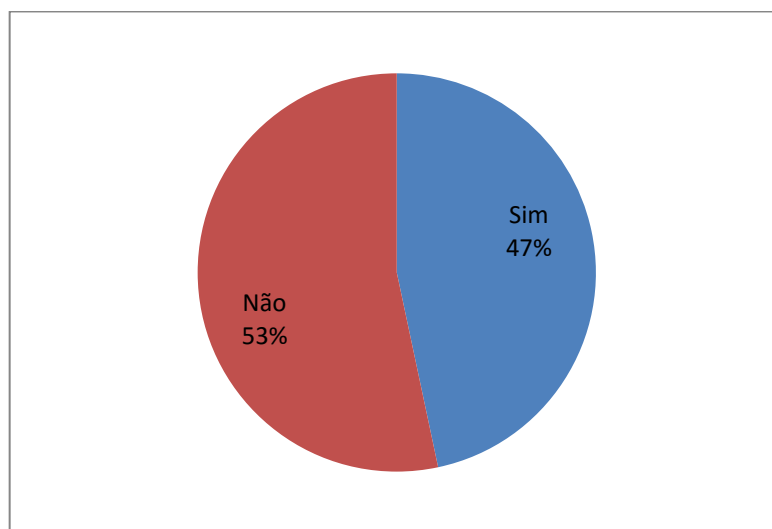
Rendimentos mensais advindos da prostituição travesti/transexual em salários mínimos



Org.: NASCIMENTO, G. T., 2015.

Mesmo com uma renda considerada alta em comparação aos padrões brasileiros, 47% delas afirmaram trabalhar em outras áreas, como diaristas, cabeleireiras, cozinheiras, entre outras atividades (ver Gráfico 5).

Gráfico 5
Trabalho em outras atividades



Org.: NASCIMENTO, G. T., 2015.

Essas outras atividades, porém, são exercidas na informalidade, sem carteira assinada, e servem para complementar a renda, uma vez que, na prostituição, o dinheiro é incerto – não se sabe quanto vão ganhar durante o mês.

Todas as entrevistadas possuem sonhos em comum: mudar de vida, comprar a casa própria ou ter um automóvel. Somente uma das 15 entrevistadas possui casa própria e nenhuma delas tem carro. Mas como se explica que uma pessoa, cuja renda está acima da média brasileira, ainda não possui casa própria ou veículo? Segundo depoimento delas próprias, nas palavras de Sandra, “ganhamos muito dinheiro, mas o dinheiro da prostituição é maldito, não vejo, do mesmo jeito que vem, vai”.

Não se pode negar que, entre as travestis e transexuais profissionais do sexo, também há muita vaidade. Todas dispensam cuidados aos cabelos, esmeram-se na maquiagem, vestem roupas chamativas e muito sexy porque necessitam chamar a atenção de clientes e transformar/revelar um corpo cuja silhueta que os atraia. Isso demanda um custo alto. A casa e o carro ficam só no “sonho” porque apesar de ganharem relativamente bem, gastam muito para se manter atraentes.

Outro aspecto abordado foi o uso de drogas no universo da prostituição: apenas uma das entrevistadas assumiu ser usuária, mas todas afirmaram que já experimentaram algum tipo de droga e que conhecem quem faz uso delas.

3 A PROSTITUIÇÃO EM TRÊS LAGOAS: TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES

Nos últimos dez anos (2000-2010), Três Lagoas passa por intensa e constante industrialização, processo que marca as formas da paisagem urbana e resulta em mudanças econômicas, políticas e sociais. Essas alterações dão forma e função à cidade.

Toda cidade é, do ponto de vista geoeconômico, isto é, das atividades a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com a sua *centralidade* - ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta, e que fazem com que ela atraia compradores apenas das redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem ou serviço, do país inteiro e até de outros países (SOUZA, 2010, p. 25).

Todavia, a dinâmica territorial da cidade é induzida pelo processo de industrialização/urbanização; desse modo, o espaço urbano está configurando novas formas, funções e estruturas, modificando as impressões no solo urbano, consequência da modernização e da mecanização dos objetos geográficos na cidade.

A difusão de modernizações é, assim, responsável por notáveis diferenças dentro de um país, com criação de polos internos. A modernização sempre vai acompanhada por uma especialização de funções que é responsável por uma hierarquia funcional (SANTOS, 1992, p. 32).

Simultaneamente, o território urbano passa a artificializar-se, induzido por uma estratégia de organização espacial regulada pelo poder público e pelos administradores do espaço urbano. Consequentemente, os instrumentos do espaço geográfico passam a desempenhar outras funções e formas, entre a oposição do valor de uso (a cidade e a vida urbana, o tempo urbano) e o valor de troca (os espaços comprados e vendidos, o consumo dos produtos, dos bens, dos lugares), retomando Lefebvre (2001). Em Sposito (2008, p.23), temos que

A inovação e as novas tecnologias não têm somente transformado o próprio conteúdo da atividade industrial, elas têm modificado profundamente a organização espacial da indústria e transformado a organização e a estruturação dos espaços geográficos.

Nesse sentido, a expansão da malha configura-se de maneira articulada, tendo como atuantes os agentes produtores e consumidores do espaço urbano; esses dispõem de técnicas e mecanismos que sobrepujam as matérias-primas da natureza, impressas no solo urbano.

A industrialização traz, em seu âmago, uma heterogeneidade de formas, funções e estruturas que se proliferam e diversificam o espaço urbano. Deste modo, essa dinâmica faz com que a cidade se torne industrial. Devido a esse processo, induz-se a implantação de próteses no território urbano, promovendo uma artificialização no solo urbano, com uma gama de técnicas e métodos para a reprodução/produção de capital – haja vista os empreendimentos e firmas que se inserem no espaço urbano como mecanismos de planejamento.

No entanto, conforme Santos (1992, p.55), pode-se afirmar que

[...] quanto mais o homem altera o espaço para criar uma paisagem repleta de artefatos e construções, tanto mais rígida se torna essa paisagem. Essa rigidez exprime o estreito escopo de alternativas para a abordagem do crescimento, e o poder de investimento assume uma forma que requer seus corolários.

Assim sendo, o espaço urbano está atrelado a um planejamento no qual os objetos geográficos são artificializados, compostos por estratégias advindas do capital industrial. Nessa perspectiva, o arranjo territorial urbano conforma novos padrões de interesse global. Santos (1994, p. 79) revela: “[...] a cidade como um todo resiste à difusão dessa racionalidade triunfante graças, exatamente, ao meio ambiente construído, que é retrato da diversidade das classes sociais, das diferenças de renda e de modelos culturais”.

Essa (re)organização da urbe faz com que se delineiem novas territorialidades, conformadas no território urbano, modificando o modo de vida da sociedade e promovendo a expansão urbana. Assim sendo, Lefebvre (2001, p. 52) corrobora para a produção e a mudança na cidade:

Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são resultados passivos

da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações etc.); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. Ela se situa num meio caminho entre aquilo que se chama de *ordem próxima* (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a *ordem distante*, a ordem sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes.

As expressivas expansões da malha urbana e do contingente populacional são acompanhadas, intrinsecamente, pelo alastramento e pela materialização da industrialização em Três Lagoas, que remodela a paisagem e insere no território nova significação simbólica. Conforme Santos (1992, p. 50),

A paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente. A compreensão da organização espacial, bem como sua evolução, só se torna possível, mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo.

Com esse processo de formação de aglomerados industriais na cidade, aumenta o índice de empregos nas áreas da indústria, do comércio e de serviços, criando oportunidades e espaços para a prostituição. Assim, intensifica-se o trabalho das profissionais do sexo – prostitutas mulheres, travestis ou transexuais. Enquanto agentes atuantes na organização/reorganização do espaço urbano, materializam territórios e constituem novas territorialidades na cidade (RIBEIRO, 2011).

3.1 O lugar da prostituição em Três Lagoas

“O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos. As novas formas urbanas e os modos de apropriação do lugar aparecem no miúdo, no banal, no familiar [...]”.

(CARLOS, 2007, p. 20).

A prostituição é a profissão mais antiga do mundo, e emprega, até os dias atuais, milhares de pessoas (CATTONÉ, 2001; ORNAT, 2011). A trajetória da prostituição praticada por travestis e transexuais em Três Lagoas teria se iniciado com uma travesti chamada Fabiana (já falecida), em meados de 1980, que veio de São Paulo para se prostituir na cidade; Fabiana foi uma das pioneiras. O mapa da Figura 3 espacializa os pontos de prostituição em Três Lagoas e denota o território e a territorialidade das travestis e transexuais.

A partir de conversas com esses sujeitos definimos que o primeiro “ponto” demarcado por essas profissionais do sexo está localizado na área central da cidade, ao lado de uma agência dos Correios. O segundo “ponto” estabeleceu-se no antigo Mercado Municipal – o “Mercadão”. Ambos eram espaços de tráfego intenso de pessoas, pertencentes a diversas classes sociais. O terceiro “ponto” ficava ao lado do Posto Parati, localizado à Avenida Olinto Mancini; da mesma forma, era um lugar onde muitos homens pernoitavam, e isso propiciava o encontro com as profissionais de sexo.

A partir dos trabalhos de campo – inicialmente, por meio da observação cotidiana e, posteriormente, com o intuito de estudar esse fenômeno social –, averiguou-se que, atualmente, os pontos de prostituição travesti/transexual de rua, o território e as territorialidades dessas profissionais do sexo delineiam-se em dois espaços estratégicos: nas avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia, pontos de entrada e saída da cidade. A primeira, Ranulpho Marques Leal, liga Três Lagoas à ponte sobre o rio Paraná – na fronteira com cidades do interior de São Paulo –; a segunda, Clodoaldo Garcia, é entrada e saída para os municípios de Brasilândia e Campo Grande (capital do Estado). Em ambas as avenidas, existem diversos postos de combustíveis em que os caminhoneiros costumam parar, além de hotéis próximos.



Figura 3: Os territórios da prostituição em Três Lagoas (MS)

Conforme a cidade foi se urbanizando e crescendo, os pontos de prostituição foram se modificando, migrando para lugares mais afastados, de difícil acesso, mantendo sempre uma lógica em sua localização. Os espaços vividos e concebidos por esses sujeitos, as travestis e transexuais em Três Lagoas, constituem-se em seus territórios, demarcados com suas presenças e corpos femininos que atraem os clientes em busca de momentos de prazer. Dali, muitas seguem até locais fechados e seguros, como os hotéis ou suas próprias casas, enquanto outras optam por permanecer nas proximidades, seja em veículos parados ou em ambientes um pouco mais escuros. A opção de fazer programa em suas próprias residências representa uma maior segurança e a possibilidade de cobrarem, dos clientes, o mesmo valor que estes pagariam caso o programa ocorresse num motel.

Quando se fala em local seguro para as travestis e transexuais, é necessário mencionar uma espécie de casa/pensão/bar chamada Cambalacho, cujo proprietário era conhecido como “Tião”. Tião recebia as travestis nesta casa de prostituição, fechada, que era referência na cidade para quem procurasse por relações sexuais com travestis/transexuais/gays/mulheres. Conforme se averiguou, o “Cambalacho”, de acordo com Silas⁴, era um bar e uma pensão, ao mesmo tempo; o local era reconhecido, na época, como ponto de encontro e ponto de prostituição, principalmente, de homossexuais. Ali, frequentavam travestis, gays, homens solteiros e casados, assim como mulheres, em sua maioria profissionais do sexo.

Sandra, transexual que morou na pensão, relatou que preferia ficar nesta boate, pois a cada dia que passava, era mais perigoso fazer programa na rua: havia muita afronta, agressões e mortes, por isso, sentia-se mais protegida no estabelecimento. Em relação à violência sofrida por elas, à época, Brena⁵ vivenciou tal situação:

⁴ SILAS, solteiro, natural de Três Lagoas, trabalha atualmente como cozinheiro numa fábrica de tecidos. Foi morador do “Cambalacho” durante os anos 1980, é gay e afirma que não se prostituía: vivia ali por encontrar, naquele espaço, um lugar de aceitação, por estar entre os seus iguais. Entrevista realizada por Gimenez, em 16/12/2006, em Três Lagoas.

⁵ BRENA, solteira, natural de Três lagoas, é travesti e utiliza o pseudônimo; tomou hormônios para dar ao corpo formas femininas. Trabalha como prostituta e faz ponto na Avenida Ranulpho Marques Leal, na saída da cidade – onde há o movimento constante do tráfego de caminhões, além de alguns postos de abastecimento de veículos, o que torna a prática da prostituição propícia no local. A clientela é composta pelos viajantes que circulam por aquela avenida. Questionário aplicado por Gimenez com as travestis de Três Lagoas (MS), em junho de 2006.

Havia muito, muito, muito, muito... Jogavam tomate, ovo, cebola; na esquina do Parati [posto de combustível], xingavam a gente, paravam, tacavam garrafa, latinha, tinha muitos que queriam até bater na gente, tinha que chamar a polícia. Chamava a polícia e saía vazado porque senão a polícia também carava o pau na gente. [...] Em Três Lagoas hoje a polícia respeita muito a homossexualidade, mas na época que a gente se lançou não era assim, o pau quebrava, ou você corria ou você apanhava.

O bar “Cambalacho” funcionou por cerca de 15 anos, e encerrou as atividades na década de 1990 por motivos desconhecidos. Assim, o território da prostituição foi induzido pelos processos de urbanização – ou seja, conforme a cidade cresceu e se urbanizou, os pontos de prostituição se modificaram. Nesse sentido, as travestis e transexuais se desterritorializaram e se reterritorializaram em outros pontos da cidade.

Vendo que a população começou a crescer e muita pessoa de fora começou a migrar para a cidade, mudamos para o Posto Parati e depois para Ranulpho Marques Leal, e lá fui uma das pioneiras juntamente com Fabíola, as demais estão a maioria em óbito (entrevista realizada com Sandra, em janeiro de 2015).

Santos (1994, p. 79) revela que “[...] a cidade como um todo resiste à difusão dessa racionalidade triunfante, graças, exatamente, ao meio ambiente construído, que é retrato da diversidade das classes sociais, das diferenças de renda e de modelos culturais”.

O espaço urbano é fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, repleto de símbolos e representações (CORRÊA, 1993). Nessa perspectiva, o modo de ocupação de um determinado lugar da cidade dá-se a partir do ato de produzir, consumir, habitar ou viver, sendo que o uso do solo urbano será disputado de forma diferenciada, gerando conflitos entre indivíduos e usos (CARLOS, 2009).

Isnard (1982, apud CORREA, 2011, p. 294) salienta que “o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões”. Corrêa (1993, p. 9-10) afirma que o espaço urbano é constituído por:

[...] diferentes usos da terra. Cada um deles pode ser visto como uma forma espacial. Esta, contudo, não tem existência autônoma, existindo porque nela se realizam uma ou mais funções, isto é, atividades como a produção e venda de mercadorias, prestações de serviços diversos ou uma função simbólica, que se acham vinculados aos processos da sociedade. Estes são, por sua vez, o movimento da própria sociedade, da estrutura social, demandando funções urbanas que se materializam nas formas espaciais [...].

A cidade é constituída por formas e conteúdos distintos, cada qual tendo sua forma e seu lugar no espaço: locais de compra, moradia, lazer, etc.; todos estão ocupando um espaço, sendo distintos, porém contíguos. Santos (1992) define que o espaço é formado pelas firmas, instituições, meio ambiente e o homem; os mesmos também são chamados de elementos espaciais, que atuam sozinhos ou conjuntamente, produzindo espaço.

Na urbe, a funcionalidade e a identidade estão em simbiose: produzem-se locais para os diversos tipos de interesses e necessidades populacionais, sejam mercadológicos ou para o lazer. A cidade é um fruto do trabalho, uma obra que é modificada a todo momento, todavia de forma mais visível ao incidir um processo sobre ela. A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade (LEFEBVRE, 2001, p. 22).

A produção territorial está intimamente ligada a este processo de territorialização, visto que a chegada de um objeto espacial ou grupo pode refuncionalizar o âmbito do local impactado (SANTOS, 2009). Assim, o uso das avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia pelas travestis e transexuais no período noturno confere uma nova função a esses lugares, os torna lócus da prostituição. A indústria ou um grupo não alteram a dinâmica do local por si só; é necessário que atuem no ideário da sociedade existente, que modifiquem sua vivência. A esta concepção do espaço vivido, ao uso contínuo do local sobre um determinado modo que, por consequência disto, incide sobre o material, como pondera Haesbaert (2006). O mesmo autor lembra que

A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas “algo abstrato”, num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de

abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado - como no conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos judeus, territorialidade que os acompanhou e impulsionou através dos tempos, ainda que não houvesse, concretamente, uma construção territorial correspondente (HAESBAERT, 2006, p. 25).

Nesse sentido, as travestis/transexuais profissionais do sexo, enquanto agentes atuantes na organização/reorganização do espaço urbano, materializam territórios e constitui novas territorialidades na cidade (RIBEIRO, 2011).

3.2 Microterritorializações urbanas das travestis e transexuais nas Avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia

Para entender as múltiplas relações e as interações territoriais, parte-se do pressuposto de que a sociedade é heterogênea e diferenciada, pois há uma segmentação social de diversos indivíduos que integram distintos grupos sociais, os quais estabelecem relações ora harmônicas, ora conflituosas por estratégias e motivos diversos, tais como modo de vida e interesses pessoais e coletivos.

O lugar da prostituição na cidade é um fator importante, pois não podemos entender as diversidades, diferenças, desejos e exclusões sexuais e de gênero sem nos envolvermos com os contextos sexuais, econômicos, culturais e políticos (BROWNE, 2014). Porém, as espacialidades das travestis e das transexuais não se resumem, apenas, ao território da prostituição. Veja as espacialidades na Figura 4:

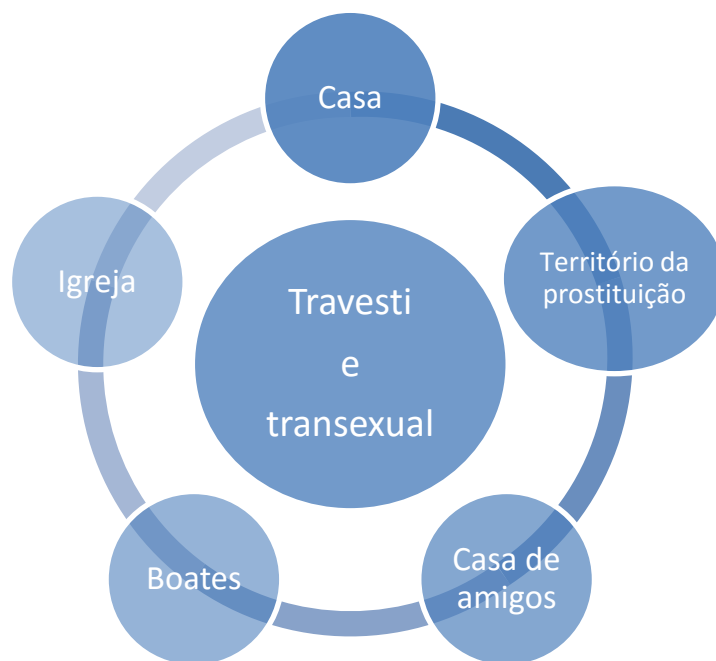


Figura 4. Evocações⁶ do território travesti e transexual
Organização: NASCIMENTO, G. T., 2015.

Todavia, com todas essas evocações de territórios, o território da prostituição é o mais importante na instituição do ser travesti/transexual, seguido da casa de amigos, boates e igreja.

Em Três Lagoas, as atividades das profissionais do sexo concentram-se em lugares específicos que os tornam bem evidentes durante a noite, constituindo as microterritorializações homoeróticas – formando lugares singulares.

Para a maioria das travestis, no cotidiano das ruas, o principal palco são as calçadas, nas quais expõem seus corpos como vitrine para a prostituição; vestem trajes sumários e estratégicos, conforme as Figuras 5 e 6, para chamar a atenção dos que trafegam nas avenidas. As “bonecas” fazem parte da paisagem urbana noturna; portanto, referem-se a uma “cartografia” da territorialidade das travestis e transformam a avenida em verdadeira loja a céu aberto, em que seus corpos são as mercadorias (BARBOSA; PIMENTEL, 2011). É no território da prostituição que esses sujeitos sociais expressam suas identidades⁷, pois nele sentem-se autênticos, desejados, valorizados, ou seja, microterritorializam aquilo que é discriminado pela sociedade.

⁶ Ornat (2008).

⁷ Falar de identidade no âmbito cultural acarreta, em um certo sentido, uma inescapável referência a uma dimensão interpretativa e à outra, normativa, já que identidade designa algo

[...] a identidade é territorial e significa, além de pertencimento a um certo lugar, o resultado do processo de territorialização, com elementos de continuidade e estabilidade, unidade e diferencialidade. O território é produto e condição social, influenciando na constituição da identidade local em virtude de ações *coletivas*; tem um conteúdo dinâmico e ativo, com componentes objetivos e subjetivos, nos níveis locais e extralocal (SAQUET, 2007, p. 152).

Pode-se observar, nas Figuras 5 e 6, que há travestis as quais convivem num mesmo território, enquanto outras negam-se a dividir o mesmo espaço. “Eu, particularmente, gosto de trabalhar sozinha, porque para um carro, aí fica quem? Quem? Quem? Como sou sozinha, quando para um carro sei que é para mim” (entrevista realizada com Sandra, 38 anos, em 19/01/2015).

Divido o território sem problemas, desde que ela seja profissional realmente do sexo e tenha no mínimo um pouco de caráter, tipo assim, esse ponto é meu, eu trabalho aqui, e aqui trabalham as travestis que eu gosto, tem que ter o mesmo ritmo, cada uma tem seu ritmo, quando digo ritmo eu quero dizer a questão do valor do programa, umas cobram mais, outras menos (entrevista realizada com Paula em 15/01/2015).

Assim, as travestis/transexuais organizam-se conforme suas proximidades e identidades, estabelecendo uma territorialidade ao longo das avenidas Ranulpho Marques Leal (BR 262) e Clodoaldo Garcia, perímetro urbano de Três Lagoas. Para defender a permanência de seus territórios, centralizam relações de poder ao impor os preços, os tipos de programa a serem feitos – como penetração, felação, posição de ativo/passivo – e o tempo de duração dos programas. É impressionante como esse controle de uma determinada área faz parte do “ser travesti/transexual”; a tensão criada entre elas pela busca do melhor “ponto” é algo cotidiano, sendo esses nanoterritórios da prostituição fortemente demarcados.

Para a aceitação nesses territórios da prostituição, fala-se muito em comportamentos:

com uma compreensão de quem somos, nossas características definitórias fundamentais como seres humanos. Trata-se de uma reflexão que lida com um problema relativo à autopercepção de um grupo acerca de si mesmo, de sua história, de seu destino e de suas possibilidades, enraizada necessariamente num certo horizonte valorativo e referida a uma determinada forma de vida (VIERA, 2009, p.95).

Nosso lema é assim, você não pode sujar o lugar onde você come, infelizmente tem umas que quebram carro, roubam, tem umas que querem aparecer, já tivemos muitos problemas com umas travestis aí, que roubavam e por causa delas as outras sofriam perseguições (entrevista com Sandra, 2015).

No território da prostituição há uma líder: umas das travestis, mais experiente, zela pela organização e proteção das travestis/transexuais profissionais do sexo. Nas palavras da líder Paula, de 35 anos: “Sou militante, por isso tenho que ter um convívio muito bom. Sou psicóloga, educadora, sou professora da vida por ser uma das mais velhas, sou defensora delas [...]” (entrevista realizada com Paula em 03/01/2015). Conforme Barbosa e Pimentel (2010), “o ‘amadrinhamento’ é uma relação de proteção feita geralmente por uma travesti mais experiente, que abriga e/ou aconselha nos mais diversos assuntos”. Pode-se observar nas falas das entrevistadas que há o amadrinhamento, pois no começo muitas não têm cabelos longos, roupas e corpo feminino, ou seja, condições para iniciar uma mudança física.

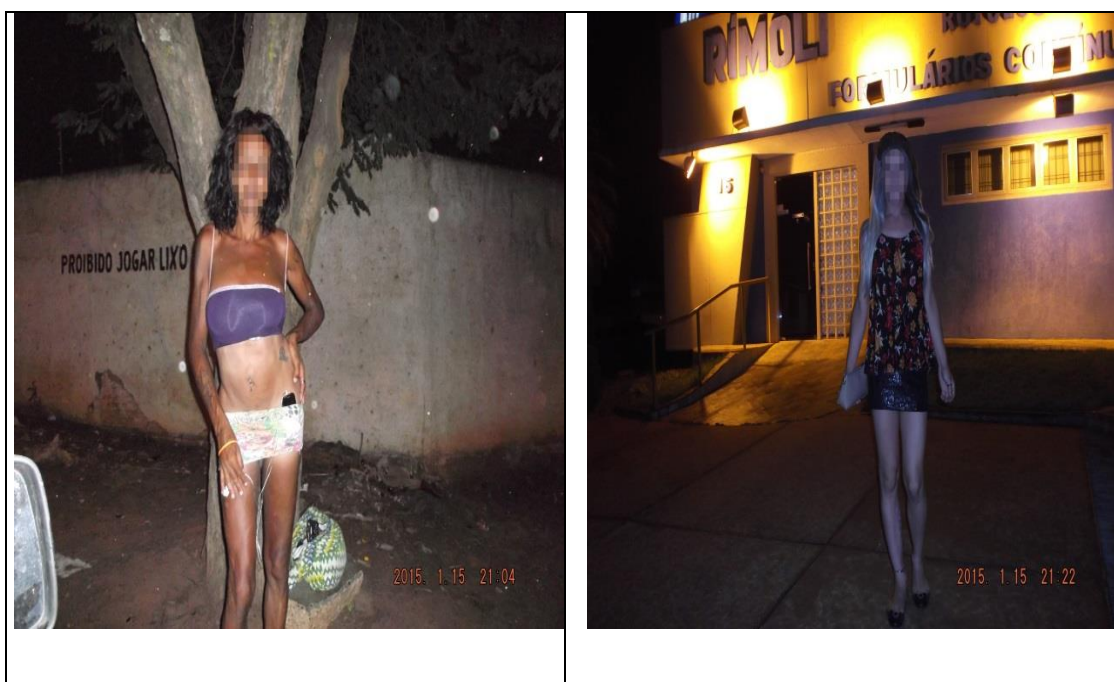


Figura 5: Travestis da Avenida Clodoaldo Garcia
Foto: NASCIMENTO, G. T., 2015.



Figura 6: Travestis/Transexuais da Avenida Ranulpho Marques Leal
Fonte: NASCIMENTO, G.T.; Saída de campo, 2013,2015.

Porém, onde há território, há relações de poder, delimitações de espaços e, no caso do território da prostituição, não é diferente. Para quebrar a resistência, muitas relataram que tiveram que pagar às mais antigas para poder utilizar o território. “Tinha que pagar diárias para uma travesti que mandava no território, hoje não tem mais isso, mas no início tinha, sofri bastante para quebrar a resistência, sofria muita chacota” (entrevista realizada com Betina em 16/01/2015). Essas diárias são os chamados “pedágios” que as “novatas” geralmente pagavam às mais velhas.

O medo da concorrência, de perder o poder e enfraquecer as fronteiras faz com que as profissionais do sexo não aceitem novas profissionais, a princípio; isso vai impondo barreiras. Vale salientar que, para ser aceita, os pedágios não são mais cobrados há mais ou menos dois anos; porém, são

estabelecidas normas de comportamento e é necessário ter o aval da travesti/transexual mais velha, ou da representante daquele território da prostituição. Como expõe Paula:

Meu ponto era na FIAT AUTONAM, ganhei muito dinheiro ali. Mas devido a três assaltos que sofri eu desacreditei do lugar, fiquei com medo, amedrontada, e fui para Localiza. Ao chegar lá sofri represaria sim, das demais travestis, principalmente das que não alcançaram o objetivo da feminilidade, e elas se incomodavam muito comigo e uma outra travesti Suelem, cometia furtos, e comecei a organizar e melhorar o local, quebrando assim a resistência (entrevista realizada com Paula em 15/01/ 2015).

Já na fala seguinte, pode-se observar que, após a quebra da resistência, elas passam a pertencer aquele espaço; tornam-se as “donas do pedaço”.

Ninguém toma meu ponto, ou trabalha comigo ou peço para sair. Quando a travesti é agressiva, ela tem um modo diferente de trabalhar, quando ela é mal-educada, afrontosa, agride cliente, rouba não deixo ela fica na rua, eu mantenho uma ordem, eu estou na liderança, eu resolvo o problema antes de chegar a polícia (entrevista realizada com Paula, 2015).

Desse modo, pode-se caracterizar as avenidas Ranulpho Marques Leal (BR 262) e Clodoaldo Garcia, ambas no perímetro urbano de Três Lagoas, como um território da prostituição, pois as prostitutas estabelecem seus pontos nas calçadas; cada prostituta tem seu “ponto”, conforme ilustrado nas Figuras 7/8.

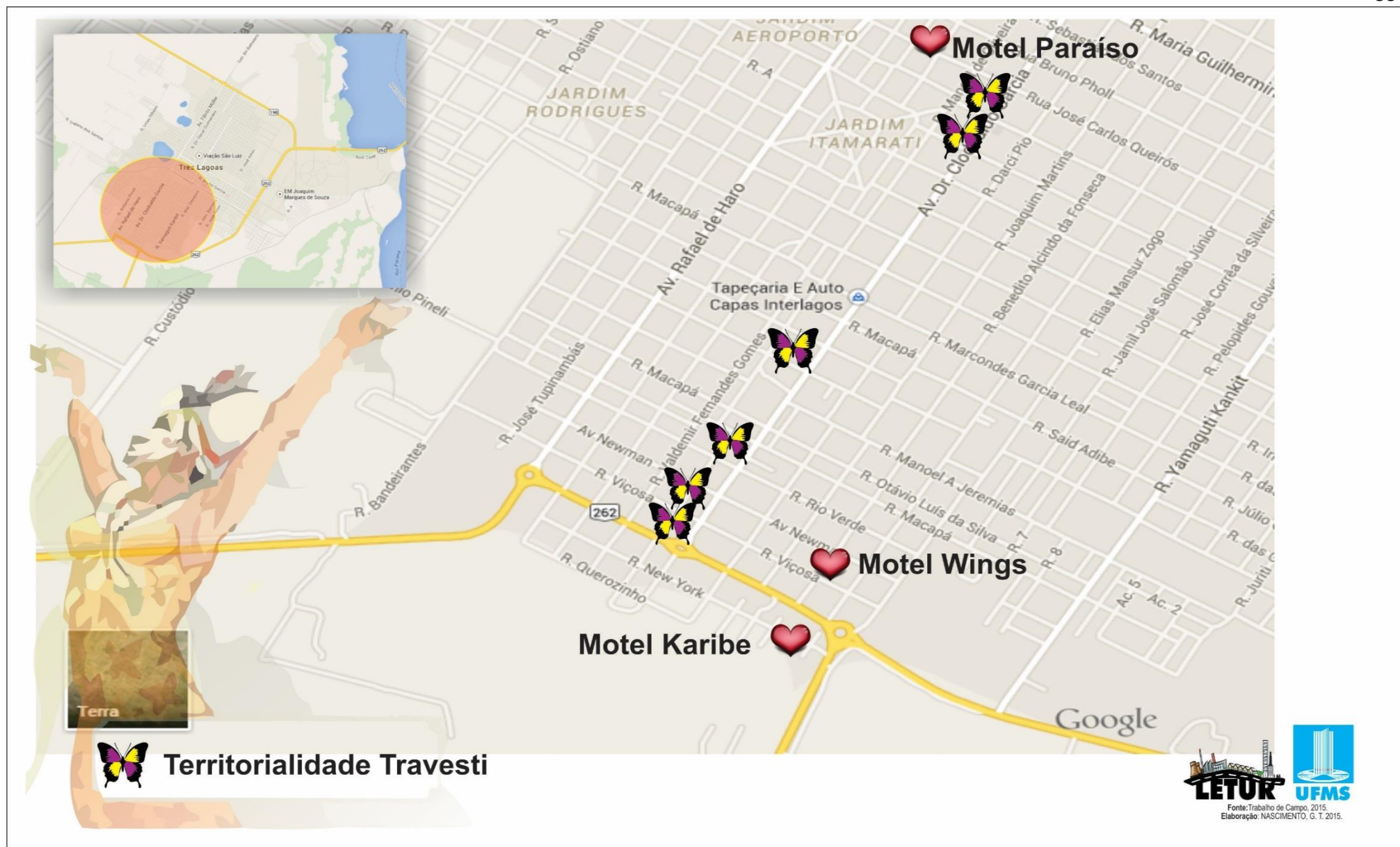


Figura 7. Território e territorialidade da prostituição da Avenida Clodoaldo Garcia

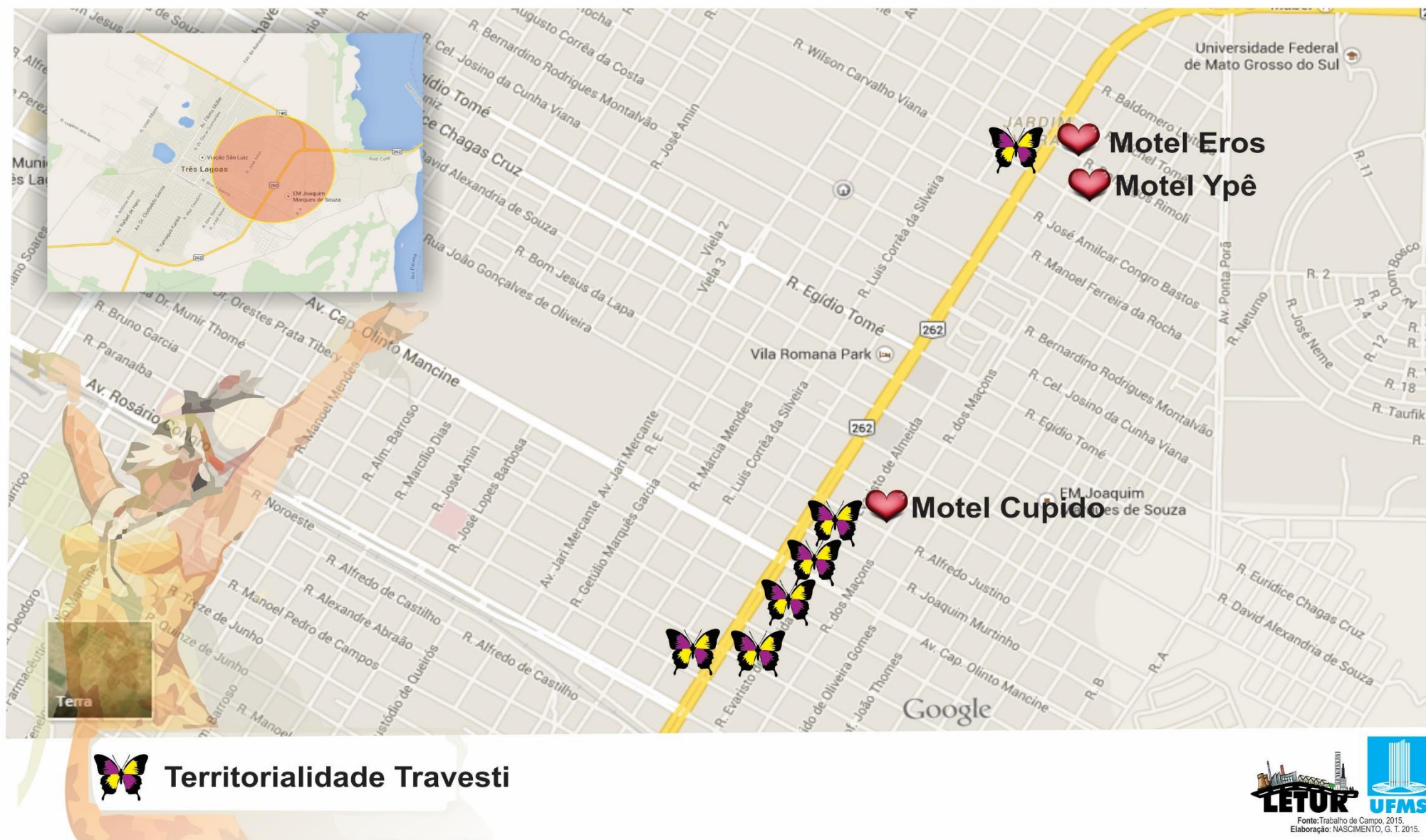


Figura 8. Território e territorialidade da prostituição da Avenida Ranulpho Marques Leal

Evidencia-se nas falas a seguir que, além de haver uma disputa por “ponto”, há uma disputa entre as profissionais do sexo da Ranulpho Marques Leal *versus* as da Clodoaldo Garcia. Os limites entre quem pode ou não se prostituir nas calçadas dessas avenidas são impostos pelas profissionais do sexo mais velhas, mais experientes. Há uma diferença de ambiência dessas duas avenidas: a Ranulpho Marques Leal é mais organizada, com territorialidades mais bem definidas, pois uma travesti ou transexual da Ranulpho pode se prostituir na Clodoaldo Garcia; o contrário, no entanto, não é permitido. Há uma hierarquia entre os dois lugares.

Sandra, transexual com ponto na Ranulpho Marques Leal, expõe: “Eu não deixo as travestis/transexuais da Clodoaldo Garcia virem se prostituir na Ranuplho, porque tem que ter um comportamento, elas não têm” (entrevista realizada em 16/01/2015). Sobre essa divisão entre as duas avenidas, Fabi, uma das travestis da Clodoaldo Garcia, afirma: “as da Ranupho a gente até tem uma boa relação, mas elas não deixam a gente ir pra lá, acho que é porque aqui na Clodoaldo tem muita droga [...]” (entrevista realizada em 15/01/2015).

A prostituição nessas avenidas forma um território único, fragmentado e intercalado pelas inúmeras quadras, ocupado aqui e ali pelas travestis e, em trechos menores, pelas transexuais. Nesse contexto, vale salientar que a prostituição travesti/transexual demarca seus territórios configurando suas territorialidades nessas avenidas. A tessitura desse território é marcada pela rivalidade na disputa pelo/no e do território – que, na concepção daquelas profissionais, constitui o “ponto”; estabelece-se, ali, uma relação de poder material e imaterial.

A mútua construção simbólica de proteção/segregação lembra as discussões sobre a região moral, que se refere ao contexto e à frequência de certas populações em se agruparem em áreas específicas do espaço urbano, sua mobilidade (trânsito) à procura de sexo, diversão, prazeres e “outros vícios próximos à ilegalidade” (RIBEIRO, OLIVEIRA, MAIA, 2011, p. 99)

Devemos, contudo, lembrar que esse território possui delimitação simbólica, em que os limites são impostos, em alguns casos, pelo uso de violência como forma de legitimar sua posse.

[...] a identificação simbólica refere-se aos diferentes significados e valores que o espaço assume para os diversos grupos sociais na busca da identificação; esta relação simbólica está muito diretamente associada às representações sociais. Essas representações são formadoras de uma trama complexa de diferentes significações que vão influenciar, motivar e mesmo justificar atitudes de resistência, defesa, animosidade dos grupos sociais em relação ao meio onde se encontram, do mesmo modo, as representações, construídas social e espacialmente, podem promover distinções de atratividade (CAMPOS, 2000, p. 28)

Tal compreensão abrange uma gama diversificada de espaços urbanos heterogêneos, onde se constituem redes de relações sociais, políticas e econômicas, que implicam modos de vida, linguagens, sinalizações, representações e trocas entre sujeitos com vivências homocomerciais.

Contudo, a prostituição resulta na (re)organização do espaço urbano, que traz em seu cerne diferentes segmentos da sociedade com identidades culturais próprias. Podemos afirmar que a prostituição travesti e transexual configuram verdadeiros microterritórios, com suas peculiaridades, ou seja, com suas territorialidades, produzindo/construindo nos espaços urbanos feições que as identificam e que demarcam uma centralidade desses fixos sociais.

Nessa mesma perspectiva, compreende-se que as travestis e as transexuais profissionais do sexo dominam o território das avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia por uma temporalidade bem definida, das 19h às 3h, e no momento em que o grupo desaparece, o seu “poder” também se extingue, uma vez que os territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, determinada. A isso, Souza (2000) chama de território e territorialidade cíclica.

Nesses territórios demarcados, há um intenso fluxo de caminhoneiros e de indivíduos da própria cidade, que transitam à procura dos serviços sexuais. A presença de profissionais do sexo no período noturno qualifica as referidas avenidas como lócus da prostituição; na concepção de muitos, são lugares perigosos, sedutores e onde se praticam atos libidinosos.

Durante o dia, nesse mesmo espaço, há uma diferença de ambiência, de território e de territorialidades, conforme exposto pela Figura 9. Predominam diversas atividades comerciais e de serviços nesse período. Esses territórios

são conhecidos como territórios cíclicos, que se fixam por um determinado período. Essa fixação não é muito comum, tratando-se de territórios da prostituição; a durabilidade é dada por sua localização espacial (BR 262): não há moradias de famílias ao redor da área, e as pessoas que vivem na cidade não se sentem mais incomodadas com esses territórios da prostituição. A apropriação das profissionais do sexo travestis e transexuais tornou esse espaço um território “privado” da prostituição.

Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais. Quando a noite chega, os trabalhadores formais, considerados pela sociedade como os “decentes”, cedem lugar aos profissionais do sexo travesti e transexuais, consideradas as “indecentes”.

Os territórios urbanos que existem no interior do território da cidade formam muito mais que um mosaico, pois há superposição entre eles. Com efeito, as territorialidades urbanas são caracterizadas por superposição e mobilidade. Na cidade, os territórios são fortemente demarcados, sendo constante a luta pela manutenção e controle territorial (SILVA, 2011, p. 26).

A escolha dessas avenidas para a prática da prostituição deve-se a interesses pessoais. As duas avenidas apresentam singularidades, tais como hotéis e postos de gasolinas próximos, poucas moradias, são porta de entrada e de saída da cidade, há movimento intenso de caminhoneiros e grande fluxo de pessoas. Nessas avenidas, a prostituição funciona somente durante o período noturno, o que é muito comum em relação não somente ao território da prostituição, mas também ao do tráfico. É possível identificar o território da prostituição a “olho nu”, pois as prostitutas que ali se territorializaram criaram suas simbologias e uma ambiência específica para esse tipo de comércio.

O território da prostituição localizado nas avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia é produto e condição social que influencia na constituição da identidade das travestis/transexuais que ali se territorializaram, com componentes objetivos, por ter ações econômicas, e subjetivos (hibridizados) pelo seu contexto cultural. Este território não está confinado, apenas, à dimensão local, mas também se torna uma rede de conexões

local/nacional, pois o território (econômico e cultural) também significa conexão, multiterritorialização e complementariedade entre distintos lugares e pessoas (RULLANI, 1998, apud SAQUET, 2007), conforme veremos no item seguinte, como uma abordagem (i)material dos territórios e das territorialidades, reconhece o movimento histórico, relacional e ideário.

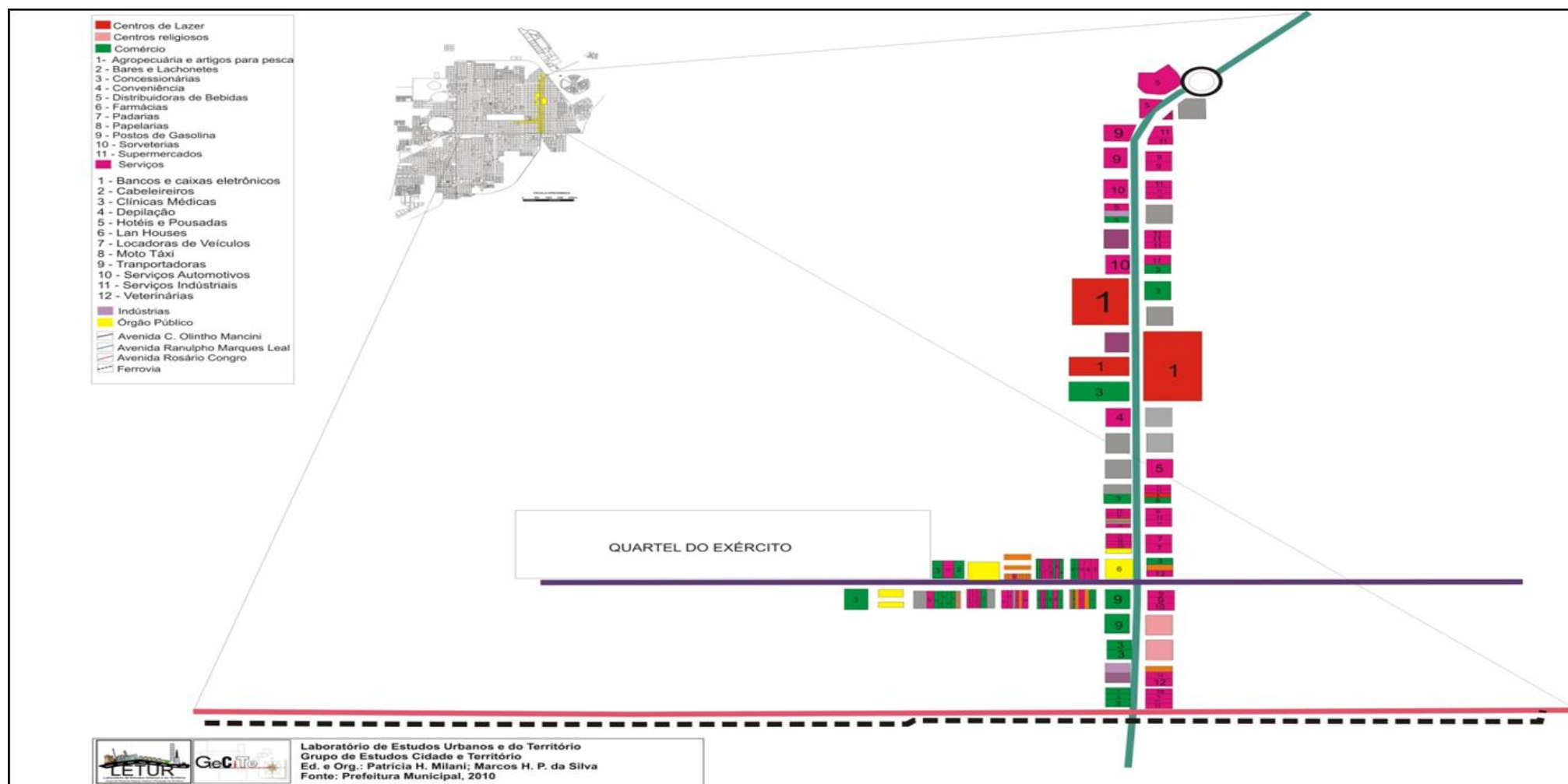


Figura 9. Uso e ocupação da Avenida Ranulpho Marques Leal durante o dia.
Fonte: Saída de campo, 2012.

3.3 As redes de prostituição

Nesta parte da pesquisa, buscou-se considerar a (multi)territorialidade travesti/transsexual associada à experiência cultural, econômica e política em relação ao território. Assim sendo, apresentaremos como esses trajetos estão inseridos no ser travesti/transsexual, considerando que, na maioria das vezes, a decisão de mudar de município, estado ou até mesmo de país parte delas mesmo. Os deslocamentos, as viagens integram-se na prostituição.

Sendo o território-rede o alicerce para a pesquisa, enfatiza-se o papel das redes como ações de processos (re)territorializadores da prostituição. Nesse sentido, Saquet (2007, p. 24) expõe que “é preciso ter sutileza e habilidade, pois cada sociedade produz seu(s) território(s) e territorialidade(s), a seu modo, em consonância com suas normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com suas atividades cotidianas [...]”. O território é formado por diferentes grupos sociais que são condicionados por fatores políticos, econômicos, (i)materiais e culturais, historicamente definidos. O território significa

[...] natureza e sociedade; economia, política e subjetivamente; ideia e matéria; identidades e representações, apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. Isso significa a existência de interações no e do processo de territorialização, que envolvem e são envolvidos por processos sociais semelhantes e diferentes, nos mesmos ou em distintos momentos e lugares, centradas na conjugação, paradoxal, des-continuidade, de desigualdades, diferentes e traços comuns. Cada combinação específica de cada relação espaço-tempo é produto, acompanha e condiciona os fenômenos e processos territoriais (SAQUET, 2007, p.24).

Assim, a territorialização pode se dar por meio de fluxos/redes, criando referenciais simbólicos, num espaço em movimento, no e pelo movimento. Haesbaert (2006, p. 78) elenca quatro pontos sobre este fim da territorialização.

Podemos, simplificarmente, falar em quatro grandes “fins” ou objetivos da territorialização, acumulados e distintamente valorizados ao longo do tempo: abrigo físico, fonte de recursos

materiais ou meio de produção; identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais (a começar pela própria fronteira).disciplinarização ou controle através do espaço (fortalecimento da idéia de indivíduo através de espaços também individualizados); construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações).

Para Lévy (2002, apud HAESBAERT, 2006, p.238) pode-se definir a mobilidade “[...] como relação social ligada à mudança de lugar, isto é, como o conjunto de modalidades pelas quais os membros de uma sociedade tratam a possibilidade de eles próprios ou outros ocuparem sucessivamente vários lugares”. Assim, como bem salienta Ornat (2011), as territorialidades das travestis e transexuais profissionais do sexo são múltiplas, fluídas e multiescalares. Conforme exposto no mapa da Figura 10, as travestis/transexuais possuem uma territorialidade múltipla e fluída, perpassando por Manaus, São Paulo, Goiás, Paraná, Rio de Janeiro, Maranhão, Ceará, Sergipe e Alagoas. O tempo de permanência nesses lugares varia de uma semana a três anos, a depender das condições encontradas em cada localidade, condições essas que se baseiam em moradia, dinheiro e identificação com o lugar. Conforme exposto na Figura 10, essa mobilidade acontece em sequência – ou seja, durante o percurso, elas realizam várias paradas temporais, todas com o objetivo de trabalhar no mercado do sexo.

Quando indagada sobre essa mobilidade, uma travesti respondeu: “É uma grande ilusão a gente vir para essas cidades pensando que vai ganhar mais dinheiro. São Paulo é o sonho de toda travesti, lá é grande...”. A Figura 10 mostra que as três travestis/transexuais entrevistadas passaram por São Paulo. A transexual Paula (natural de Dourados) já se prostituiu no Paraná, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Goiás e por várias cidades de Mato Grosso do Sul. A transexual Sandra (natural de Três Lagoas) foi para o Amazonas, São Paulo, Maranhão, Ceará, Alagoas, Sergipe e para outros países europeus, bem como o vizinho Paraguai. Já a travesti Fabi (natural de Três Lagoas) prostituiu-se nas cidades de Mato Grosso do Sul e de São Paulo. Todas tiveram, como origem, o Estado de Mato Grosso do Sul.

As demais travestis e transexuais possuem uma mobilidade menor, porém mais frequente: costumam prostituir-se em cidades vizinhas, como

Andradina (SP) e Água Clara (MS). Embora sejam municípios pequenos, para manter mais clientes e o “giro” na profissão elas vão, pelo menos, uma vez por semana a essas cidades. Como elas mesmas dizem, “se não tiver bom aqui, a gente vai para lá”. Para Souza (2000, p.88), os territórios da prostituição são bastante flutuantes ou móveis, o que não significa que esses pontos “não sejam às vezes intensamente disputados, podendo a disputa desembocar em choque entre grupos rivais [...]”.

Essa mobilidade não desqualifica a existência de “lugares”, “regiões” ou mesmo “territórios”, mas os insere, sob formas inéditas, no mundo flexível [...] (MATOS; BRAGA, 2005). Podemos dizer que as travestis/transsexuais se reterritorializam por meio da desterritorialização; em outras palavras, sua territorialidade, nesse contexto, é construída na própria mobilidade espacial, o que constrói múltiplas territorialidades.

O território, para elas, também é baseado no movimento constante dentro das redes – constituindo um território-rede:

[...] o território hoje, mais do que nunca, é também movimento, ritmo, fluxo, rede, não se trata de um movimento qualquer, ou de um movimento de feições meramente funcionais: ele é também um movimento dotado de significado, de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói e/ou para quem dele usufrui (HAESBAERT, 2006, p. 281).

Assim, tem-se uma concepção reticular do território, um território-rede. É oportuno, na reflexão empreendida, conceber rede como um componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporal-móvel do território e que, conjugada com a superfície territorial, ressalta seu dinamismo, seu movimento, suas perspectivas de conexões urbanas (HAESBAERT, 2006). Essas dinâmicas desdobram-se num *continuum*, que vai do caráter mais concreto ao mais simbólico, sem que um esteja separado do outro – pois essa mobilidade acontece em busca de melhores condições de vida, seja financeiramente ou em busca de aventuras.

Compartilhando da ideia de Oliveira (2011), essas redes e as implicações territoriais ainda são um desafio para a Geografia, ainda mais quando se trata de uma parcela “invisível” da sociedade.

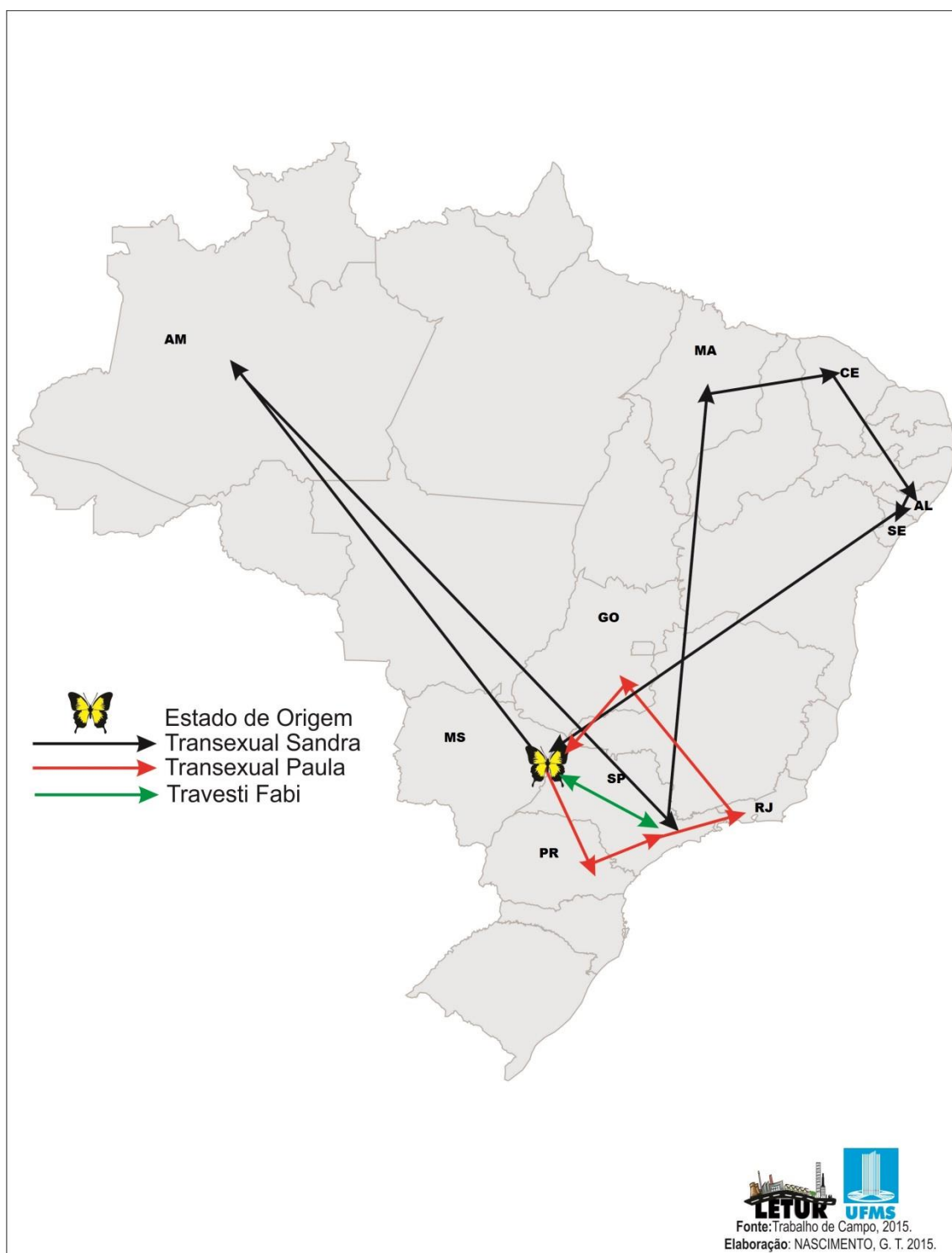


Figura 10: As redes estabelecidas pelas travestis e transexuais da cidade de Três Lagoas (MS)

Fonte: Saída de campo, 2015.

3.4 A violência sofrida em Três Lagoas pelas travestis e transexuais

Os territórios da prostituição travesti e transexual estão imbricados com a violência, sendo estes, muitas vezes, marcados por experiências de morte devido à sua vulnerabilidade – sobretudo em relação às travestis.

Queremos chamar atenção para o fato de que as travestis sofrem maior violência e preconceito porque a marca da transgressão é nítida, visual e, portanto, afronta o poder heteronormativo, muito menos evidente no gay ou na lésbica (SILVA, 2009, p.142).

Para evidenciar a violência contra esse grupo, analisamos *sites* de notícias e jornais de Três Lagoas, entre os anos de 2012 a 2015, bem como relatos de travestis e transexuais em que relataram suas experiências de violência em seu cotidiano. Veja, abaixo, algumas manchetes de jornais,

TRAVESTI COMBINA PROGRAMA E ACABA SENDO MORTO COM 6 FACADAS

Assassinato aconteceu no Jardim Angélica, próximo da Av. Ranulpho Marques Leal



Foto: Radio Caçula, 2013.

TRAVESTI É ASFIXIADO POR CLIENTE EM AVENIDA DE TRÊS LAGOAS



Foto: Celso Daniel, 2014.

TRAVESTI SOFRE TENTATIVA DE HOMICÍDIO EM TRÊS LAGOAS



Foto: TL Notícias, 2014.

Muitos pensam que a violência contra as travestis/transexuais é cometida, apenas, por pessoas de fora, por transfóbicos ou pelos clientes. Não podemos deixar de mencionar a violência existente entre elas: ser uma pessoa agressiva, brigar, disputar faz parte do ser “travesti/transexual”. Elas se utilizam da violência como meio de proteção, para expressar sua raiva, sua ira. A transexual Loreta relata que “ser violenta é uma forma de defesa que se adquire desde criança [...] é um milagre eu estar viva, pois vi muitas colegas

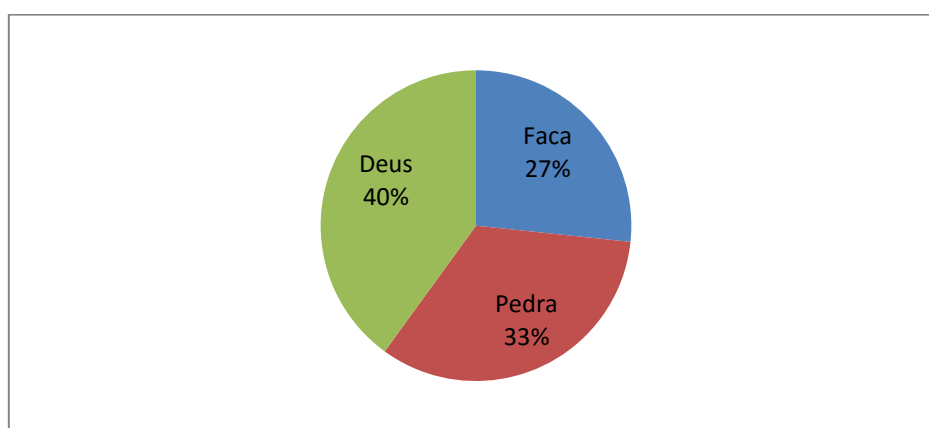
morrerem”. Entre elas, querem, sempre, ser mais que as amigas, a mais bonita de corpo, ter o cabelo mais bem cuidado e o namorado mais bonito; a rivalidade entre elas é algo visível – e uma das consequências dessa rivalidade existente entre as travestis e transexuais foi a morte da travesti Greisse Kely, cuja autora foi outra travesti.

“[...] o recorrente uso da violência por travesti e contra elas aparece quando buscam resistir às condições desiguais a que são submetidas, aos preconceitos e aos descaminhos decorrentes da dialética exclusão/inclusão social, resistir àqueles que as tratam preconceitos calcados em estereótipos e estigmas, como se travestis fossem anomalias, homens desavergonhados, promíscuos e indignos da vida” (BARBOSA; PIMENTEL, 2010, p. 83).

O território da prostituição travesti e transexual em Três Lagoas, por mais que se localize em avenidas, é escuro e distante de residências; é considerado um lugar perigoso, principalmente após as 22h30min, pela diminuição no fluxo de pessoas e carros, deixando-as vulneráveis à violência. Porém, a maioria delas se sente segura em seu território, mesmo já tendo presenciado vários tipos de violência nesses locais.

Não há incidência de crimes em motéis ou em casas particulares; a maior parte dos crimes registrados contra as travestis/transexuais ocorre próximo do local da prostituição. Nesses territórios não há segurança, pois não há ninguém que a faça: cada uma se protege ao seu modo. Veja, no Gráfico 6, quais os principais meios de proteção utilizados pelas travestis/transexuais.

Gráfico 6
Como se protegem da violência?



Org.: Nascimento, G. T. do, 2015.

Conforme mencionado no Gráfico 6, a maioria das entrevistas diz ter Deus como a maior fonte de proteção. Logo em seguida, vêm pedra e facas (elas deixam pedaços de pedra e facas próximo ao local onde se prostituem). Outras também relataram ter como proteção a experiência: se algo não está “nos conformes”, ou sentem alguma coisa estranha, não entram no carro.

O fato de se sentirem mais seguras no território da prostituição está vinculado ao sentimento de pertencerem a esse lugar: elas mandam nele e o dominam. Geralmente, nos sentimos mais seguros em nossa casa, mesmo não sendo o lugar mais seguro; o território da prostituição é a sua segunda casa.

Essa segurança deixa de existir a partir do momento em que elas entram no carro de um cliente, pois o domínio passa a ser dele. Apenas a transexual Paula disse que prefere motéis, e justificou que, nesses estabelecimentos, se sente mais segura: “[...] se acontecer algo comigo será fácil descobrir, no motel tem identificação, câmeras” (entrevista realizada em 15/01/2015).

Seguindo essa linha de raciocínio, é importante salientar que elas vivem sempre em grupo; então, por que nunca reconhecem as pessoas que cometeram os crimes? As respostas são sempre as mesmas: “não quero ser a próxima”, ou “na maioria das vezes sabemos quem foi”. Geralmente, elas sabem que é o autor do crime, mas sentem medo de se tornar a próxima vítima.

Em relação às causas da violência contra as travestis/transexuais, os motivos são vários: drogas, o fato de o cliente não querer pagar pelo programa, transfobia a violência as cerca de todos os lados – essa, inclusive, pode ser uma das razões de usarem a violência como autoafirmação.

Muitos travestis são assassinados, mas raramente se discute sobre o assunto. No Brasil, há poucos estudos referentes à temática da violência contra as travestis/transexuais; isso é fruto de mais um feixe de relações do poder heteronormativo (CABRAL et al, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de território dentro da Geografia ressurgiu com novos significados para, desta forma, conseguir responder aos novos fenômenos do mundo atual. A prostituição, mesmo sendo umas das profissões mais antigas do mundo, está mais evidente na atualidade; sendo assim, cabe à Geografia desvendar os mitos da relação entre território-territorialidade-prostituição travesti/transexual.

O entendimento sobre a relação da identidade com a formação de um território foi importante para entender a prostituição travestis/transexual nas avenidas Ranulpho Marques Leal e Clodoaldo Garcia. Trata-se de uma territorialidade cíclica, no período noturno – sendo que, de dia, desenvolvem-se neste território atividades comerciais e de serviços (com o funcionamento de lojas, hotéis, motéis, postos de gasolinas, restaurantes), fazendo com que as avenidas possuam múltiplas funções.

O objetivo deste trabalho é levar, ao interior da academia e à comunidade, a realidade vivenciada pelas travestis e transexuais profissionais do sexo de Três Lagoas, vítimas de discriminação por serem travestis, transexuais e prostitutas. É prudente, por conseguinte, ressaltar nas considerações finais a curiosidade do pesquisador na realização de uma pesquisa. “É a curiosidade científica que provocará um enxergar holístico do ser humano, nas suas mais minuciosas relações e ações localizadas, inter-relacionadas com os contextos mais amplos de suas vivências” (SILVA et al, 2010, p. 11).

Para promover a diminuição do preconceito em relação à prostituição no Brasil, mais especificamente aquela praticada por travestis e transexuais, deve haver o reconhecimento da prostituição como uma profissão – uma vez que a atividade ainda é considerada desviante. Do preconceito, decorrem algumas indagações para reflexão: qual a diferença da prostituição em relação às demais profissões? Sexo é algo pejorativo? As profissionais possuem horários, prestam serviços (sexuais), os clientes utilizam esse serviço, estabelecem-se valores. As prostitutas são trabalhadoras autônomas, dispõem de seu tempo para prestar serviços a outras pessoas e precisam desse trabalho para se manter – como elas dizem, “o dinheiro é rápido, mas o trabalho é difícil”. Com a

regularização, poderiam pagar seus impostos e, conseqüentemente, teriam o acompanhamento do poder público.

A rua tem uma função importante para o ser travesti/transsexual, pois fazem dela um palco em que exprimem suas identidades, se vestem, falam suas gírias, sem haver discriminação de forma direta – porque quem frequenta esses espaços está à procura da figura travesti/transsexual, sente desejo por elas, e elas se sentem desejadas. Para um grupo acostumado com a hostilidade, sentir-se desejado na rua faz parte da existência do ser travesti.

Nesse sentido, a prostituição afirma-se como parte da dinâmica urbana de Três Lagoas e, conforme a cidade cresce, os territórios da prostituição também se ampliam. O crescimento populacional e econômico faz com que aumente a procura por serviços da prostituição; conseqüentemente, também aumenta o número de travestis/transsexuais profissionais do sexo.

Outro item relevante é a mudança dos pontos de localização: o território da prostituição sofreu mudanças nos últimos vinte anos e, ao longo deste período, na cidade, novos territórios foram incorporados. À proporção que Três Lagoas crescia, territórios da prostituição foram se afastando da centralidade, pois a ambiência deve ser propícia para a atividade, longe das casas de família – mas próxima a motéis e postos de gasolinas, onde há maior fluxo de caminhoneiros e transeuntes. Precisa-se de uma lógica locacional para a prostituição, inclusive para não incomodar as pessoas que estão nos arredores.

A relação dessas avenidas com o território da prostituição é imediata para a população de Três Lagoas: há uma aceitação em relação a isso, não existe nenhuma repressão pelo fator locacional. A violência sofrida pelas travestis/transsexuais não está relacionada ao fato de atrapalharem as pessoas porque utilizam a rua para se prostituir, incomodando a vizinhança – relaciona-se, ao contrário, à transfobia ao calote de clientes que não querem pagar pelo programa, às drogas, às bebidas, à vaidade e às disputas entre elas.

Para esclarecimento, a prostituição não é considerada uma atividade proibida no Brasil, como muitos ainda pensam. Há, sim, repressão policial e da comunidade, sobretudo em relação à prostituição de rua, por ser aberta, visível; essa repressão é fruto de uma sociedade heteronormativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009

BARBOSA, A. C. S.; PIMENTEL, I. I. A questão da identidade travesti e a construção do espaço simbólico na Avenida Augusto Severo, bairro da Glória - RJ. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, XVI, 2010, Porto Alegre. **Anais**. São Paulo: AGB, 2010.

_____. Dos dias de glória aos dias da glória: a questão da prostituição dos travestis na Avenida Augusto Severo. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.) **Território sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 75-88.

BARBOSA, B. C. **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. 2010. 113p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1945_1054_BRUNO_CESAR_BARBOSA.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

BARRETO, R. C. V.; ALVES, J.E.D. Territórios da diversidade: espaços de convivência gay no Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, IX, 2010, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UFSC, 2010.

BELL, D.; VALENTINE, G. **Mapping desire: geographies of sexualities**. London: Routledge, 1995

BROWNE, K. Contestando o privilégio anglo-americano na produção do conhecimento em geografias das sexualidades e de gêneros. In: SILVA, M. G. S. N. (Org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2014. p. 135-156.

CABRAL, V.; ORNAT, M. J. ;SILVA, J. M. **Algumas considerações sobre a relações entre espaços violência e vivência travistam na cidade de Ponta Grossa – Paraná**. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2011/126.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2015.

CABRAL, V.; ORNAT, M. J.; SILVA, J. M. As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, Volume Especial, n.35, p.118-135, 2013.

CAMPOS, H. A. Permanências e mudanças no quadro de requalificação de cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na Área Central de Recife. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 25-43, jul./dez. 2000.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 85p.

_____. **A cidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CATTONÉ, Jean-Phillipe. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CORRÊA, R. L. 1993. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. 1996. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSTA, B. P. da. Espaço urbano, cotidiano, cultura e espaços de proximidade: o caso das microterritorializações de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.) **Território sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 147-166.

CASTELLS, M. **The city and the grassroots**. London: E. ARNOLD, 1983, 450p.

DAMIANI, Amélia. Geografia política e novas territorialidades. In. PONTUSCHKA, Nídia; OLIVEIRA, Arioaldo U. (Org.) **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 17-26.

DOYLE, V. A. **Coming into site: identity, community and the production of gay space in Montreal**. Montreal: McGill University, 1996, 105p.

FERREIRA, R. da S. Travestis em perigo ou o perigo das travestis? Notas sobre a insegurança nos territórios prostitucionais dos transtêneros em Belém (PA). **Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p 1-19, jul. 2003. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/julho03/pdfs/julho2003_03.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

FIGUEIREDO, R. M. **Territórios noturnos de vidas “impuras”**: prostituição e territorialidade travesti em Governador Valadares – MG. 2009. 70p. Monografia (bacharelado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <<http://www.novoscursos.ufv.br/graduacao/ufv/geo/www/wp-content/uploads/2013/08/Roberta-de-Melo-Figueiredo.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

GIMENEZ, M. Q. A busca por uma pluralidade sexual: o percurso das travestis em Três Lagoas-MS. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: Poder,

Violência e Exclusão, XIX, 2008, Três Lagoas. **Anais**. São Paulo: ANPUH/SP – USP, 2008. CD ROM.

HAESBAERT, R. **Des – territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

_____. **O mito da desterritorialização**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JACKSON, P. **Maps of meaning**: an introduction to cultural geography. London: Routledge, 1989.

KNOPP, L. Sexuality and the spatial dynamics of capitalism. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 10, 1992.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MACHADO, C. Introdução à orientação sexual e identidade de gênero. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE GAYS, LÉSBICAS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – GLBT, Brasília, 2008. **Anais**. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/conferencias/anais-1a-conferencia-nacional-lgbt-2>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

MARX, K. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MATOS, R.; BRAGA, F. Redes geográficas, redes sociais e movimentos da população no espaço. In: MATOS, Ralfo (Org.). **Espacialidade em rede**: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo. São Paulo: C/Arte, 2005, p.111-154.

MATTOS, R. B. de; RIBEIRO, M. A. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano I, n.1, p. 59-76.

OLIVEIRA, R. da S. Do espaço fechado ao espaço coletivo: o balé do lugar em meio à territorialidade da prostituição dos travestis na área central de Nova Iguaçu, RJ. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo. (Org.) **Território e prostituição na metrópole carioca**. São João de Meriti: Ecomuseu Fluminense, 2002.

_____. **Mobilidades transgressoras, geografias ignoradas: itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname**. 2014 Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo.

ORNAT, M. J. **Território da prostituição travesti e a institucionalização do sujeito travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná.** 2008. 159p. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

_____. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil..** Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2011, 279p

_____. **Prostituição travesti e práticas territoriais no sul do Brasil.** 2009. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/80.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

PELÚCIO, Larrisa. **Nos nervos, na carne, na pele:** uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www10.prefeitura.sp.gov.br/dstaid/novo_site/images/fotos/Larissa%20Pelucio.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2015.

PESSÔA, V. L. S. GEOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: um olhar sobre o processo. 2012. Disponível em : <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/3682/2554> investigativo> . Acesso em: 10 de maio de 2015.

PIMENTEL, I. I. Território da prostituição de travestis: Marcas, corpos e signos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS E HUMANIDADES, 2012, Niterói. **Anais.** Niterói: ANINTER-SH, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** Trad.: Maria Cecilia França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, M. A. Prostituição de rua e turismo em Copacabana – a avenida Atlântica e a procura do prazer. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano II, n.3, p.87-99, jul./dez. 1997.

_____. Atividades terciárias e prostituição nos logradouros da cidade do Rio de Janeiro: os exemplos da Passos, Mem de Sá e Graça Aranha. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.) **Território sexo e prazer:** olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 103-123.

_____. Dinâmica, Espacialidade e Relações Homocomerciais: o exemplo das saunas de boys na urbe carioca. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 213–234, ago./dez. 2015.

RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. da S. A prostituição feminina “fechada” na cidade do Rio de Janeiro: dinâmica e organização espacial. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.) **Território sexo e prazer:**

olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 63-74.

RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. da S. As relações homocomerciais em um microterritório: o exemplo de um clube de boys na cidade do Rio de Janeiro. In: SILVA, M. G. S. N.; SILVA, M. S. (Org) **Interseccionalidades, gêneros e sexualidades na análise sexual**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2014, p. 117-131.

RIBEIRO, M. A; OLIVEIRA, R. da S.; MAIA, G. da S. Dinâmica e espacialidades das saunas boys na cidade do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.) **Território sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 89-101.

ROSENDHAL, Z. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, X, 2005, São Paulo. **Anais**. São Paulo: USP, 2005, p.12928-12942.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1992.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. & et al. (orgs). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006, p. 13-21.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EDUSP, 2009.

_____. **A urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 73-94.

_____. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SILVA, J. M. ORNAT, M. J.; Dos espaços interditos à instituição dos territórios travestis: uma contribuição às Geografias feministas e queer. **Revista Terra Livre: entre Geografias**. São Paulo, v.2, n.35, p. 53-68, jul./dez. 2010.

SILVA, C. A. F. Apresentando os territórios da prostituição na Geografia brasileira. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.).

Território sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011. p. 9-12.

SILVA, J. C. O conceito de território na Geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.) **Território sexo e prazer:** olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p.19-41.

SILVA, J. M. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: SILVA, J.M. (Org.). **Geografias Subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Editora Todapalavra, 2009.

_____. Sobre sexualidade e espaço: prostituição e território travesti. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. (Org.). **Território sexo e prazer:** olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011. p. 167-183.

_____. **Cultura e territorialidades urbanas** – uma abordagem da pequena cidade. Disponível em:
<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2109/1590>>.
Acesso em: 11 dez. 2014.

SILVA, M. O. L. & etal. Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. 2008. Disponível em:
http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf. Acesso em 10 de maio de 2015.

SILVEIRA, E. M. C. **De tudo fica um pouco:** a construção social da identidade do transexual. 2006, 300p. Tese (Doutorado), Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SOJA, E. W. The political Organization of Space. Washington, D.C: AAG Comission on College Geography. 1971.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org). **Geografia:** Conceitos e Temas. 2.ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

_____. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 57-72.

SOUZA, M. L. de. **ABC do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

VIEIRA, P. J. Cidades e (homo)sexualidades: heterotopias e constelações lésbicas e gays em espaços urbanos. In: SILVA, J. M.; SILVA, C. P. da. (Orgs). **Espaço, gênero e poder:** conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 241-259.

VIEIRA, L. Morrer pela pátria? Nota sobre identidade nacional e globalização.
In:
VIEIRA, L. (Org.). **Identidade e Globalização**: impasses e perspectivas da
identidade e diversidade cultural. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Anexo

Roteiro de Entrevista pra as Travestis/transexuais

Identificação

Nome:		Nome social:	
Cidade de Nascimento:		Quanto tempo mora em Três Lagoas?	
Estado:			
Mora com: () familiares () companh. () amigos () sozinha () outros		Quantos residem:	Onde mora:
Idade:		Mora em casa: () própria () alugada () cedida	
Quanto tempo mora nesta residência:		Onde é o ponto que você fica mais tempo:	
Desde que ano batalha em Três Lagoas?			
Onde batalhava antes de vir a Três Lagoas?			
Que horário vai para a rua:	Durante a semana: das __:__ às __: __ hs	Sábado-Domingo-Feriado: das __ : __ às __: __hs	
Frequenta motéis? _____ Onde faz seu programa? _____			
Quais os motéis mais frequentados: 1° _____ 2° _____ 3° _____.			
Onde fica seu escurinho:			
Valor do programa:	Em média quantos programas por dia?	Escolaridade:	
Trabalhou/trabalha em outra atividade: () sim () não Qual: _____			Data: __/__/__.
Desde quando:			

Contextualização da sujeita travesti/Transexual Dia __/__/__

01. Você se identifica como trans ou travesti?
02. Como é sua batalha na rua, relatar o passado, presente e o que espera do futuro?
 - Relate como foi o início de sua trajetória na prostituição?
 - Já fez uso de alguma droga? Conhece alguma travesti que usou?
 - Quando um cliente escolhe ter um programa com você, o que ele procura? Procura uma passiva ou ativa?
03. Como foi o processo de transformação do seu corpo?

- Quais os conflitos pessoais e sociais que você sofreu?
 - Como sua família reagiu?
 - O que você almejava/almeja com essa transformação? Superou seus objetivos?
 - Como você acha que as pessoas te veem?
 - Antes da transformação qual era sua referencia de pessoa? E após?
04. O seu desejo sexual realiza-se quando você é passiva, ativa ou ambos? Por quê?
05. O que é ser travesti para você?
06. Como foi sua vida na escola?

Contextualização do Território Travesti/transexual Data __/__/__

01. Tem conhecimento da história da prostituição em Três Lagoas? (Nomes, locais, tempo contexto).
02. Quais os critérios de escolha do ponto de prostituição?
03. Como foi o processo de instituição deste território? Como foi a relação com moradores e polícia?
04. Quando você escolheu seu ponto, como rompeu com a resistência e a concorrência? Quem manda no território?
05. Existe alguma divisão entre as travestis? Alguma divisão de poder?
06. Como é feito o controle do território pelas travestis?
07. Como as travestis vivenciam entre si o cotidiano do local de batalha?
08. Qual a importância dele hoje pra você?
09. Qual deve ser o comportamento da travesti para ser aceita no local de batalha?
10. O que você busca dizer quando se monta e vai para rua?
11. Qual travesti que brilha em Três Lagoas?
12. Tem algum sonho? Qual é? Qual sua expectativa para o futuro?
13. Como vocês se protegem da violência?
14. Qual é a relação de seu grupo das travesti com as prostitutas femininas?
15. Existe alguma divisão entre as travestis? As travestis da Ranulpho tem uma boa relação com as da Clodoaldo?
16. Você se sente segura mais no seu território ou no Motel?
17. Tirando sua área da prostituição e a sua casa, qual o lugar que você frequenta?

As redes estabelecidas no território da prostituição

01. Em quais municípios você já batalhou? O tempo e o ano de permanência em cada um deles?